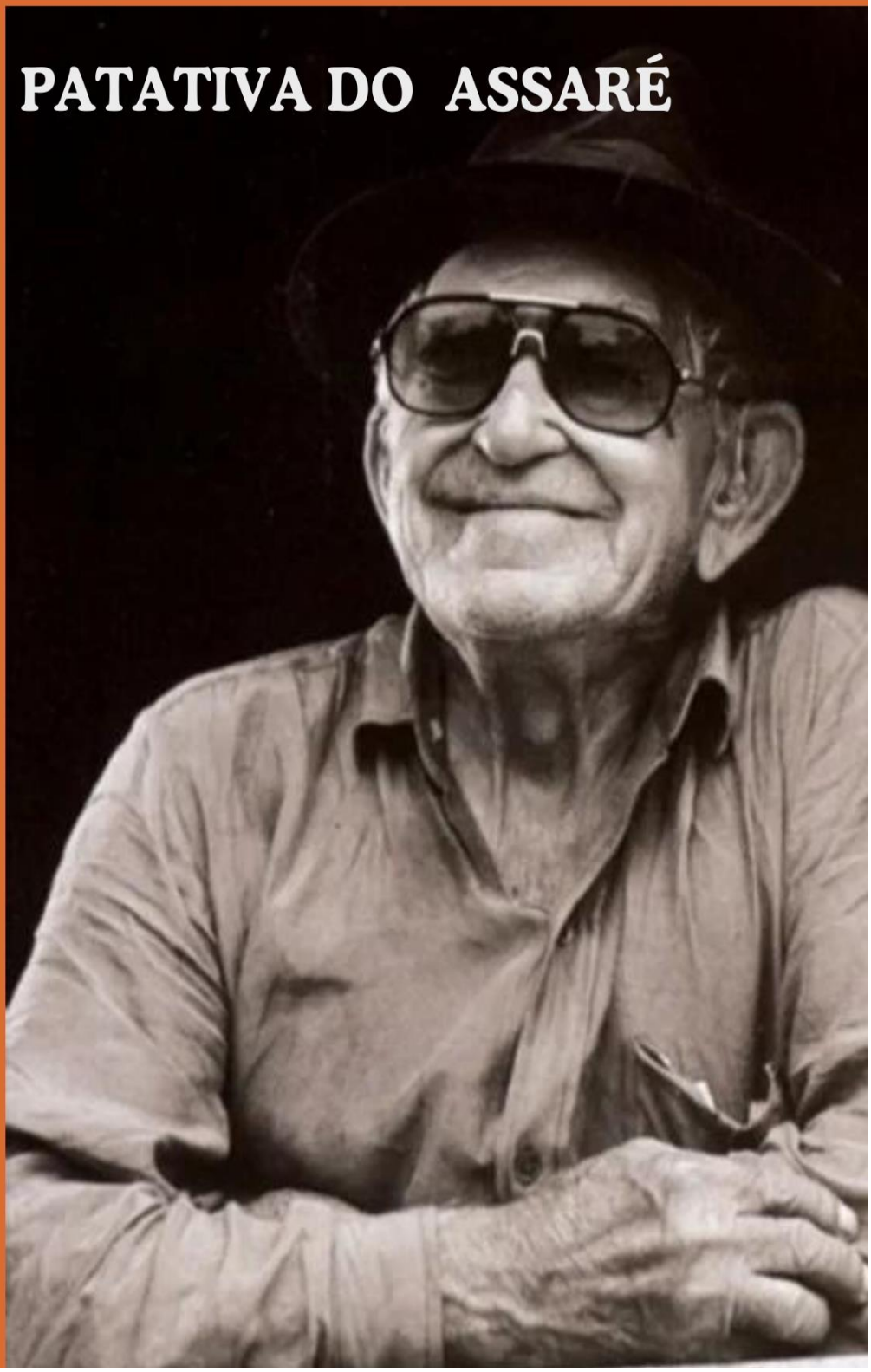
Revista Sarau©

VOLUME 4
NÚMERO 8
MAIO/JUNHO DE 2024

ISSN 2965-6192

PATATIVA DO ASSARÉ



e mais...
Itamar Vieira Junior
Ana Cristina Cesar
Moraes Moreira

CONTOS
CRÔNICAS
POESIAS
RESENHAS
ARTES VISUAIS
MÚSICA

2 965 - 6 192000 5

#ParaTodosVerem: Na parte superior, no formato retangular horizontal, fundo na cor laranja com nuvens cinzas. Ao centro, sobre a mão espalmada, “Revista Sarau”. À direita, “VOLUME 4; NÚMERO 8; MAIO/JUNHO DE 2024; ISSN 2965–6192”. Abaixo, à esquerda, no formato retangular vertical, fundo na cor laranja. Na parte superior, “e mais...Itamar Vieira Junior; Ana Cristina Cesar; Moraes Moreira”. Na parte inferior, “CONTOS, CRÔNICAS, POESIAS, RESENHAS, ARTES VISUAIS, MÚSICA” e o código de barras. À direita, na parte superior, “PATATIVA DO ASSARÉ”. Abaixo, em primeiro plano preto e branco, o poeta e repentista, Patativa do Assaré, usa chapéu na cor preta, óculos escuros e sorri com a boca fechada; veste camisa de botões com mangas compridas; o braço direito dobrado na posição horizontal, esconde o esquerdo. Em segundo plano, no formato retangular vertical, fundo escuro.

POLÍTICA DE DIREITOS AUTORAIS

Copyright © dos trabalhos pertencem aos seus autores. Todos os direitos reservados.
Os autores e artistas que publicam os seus trabalhos na Revista Sarau concordam com os seguintes termos:
●. Os textos e imagens publicados na Revista podem ser reproduzidos em quaisquer mídias, desde que a utilização seja isenta de fins lucrativos e sejam preservados os nomes de seus autores e a fonte;
● O conteúdo de cada texto ou imagem, aqui publicadas, é de exclusiva responsabilidade de seus autores e tais conteúdos não refletem, necessariamente, a opinião da Revista;
●. Toda participação na Revista Sarau ocorre de forma gratuita.

Para baixar nossas edições anteriores, acesse:
https://revistasarau2.wixsite.com/website

EXPEDIENTE

Volume 4 – número 8 – maio / jun. de 2024
Fortaleza – CE – Brasil
Publicação Bimestral
Distribuição Gratuita: On-line

EDITOR CHEFE:

Nonato Nogueira

JORNALISTAS:

Tiago Rocha de Oliveira - Registro nº MTB/JP 01293-ES
Gerardo Carvalho Frota - Registro nº 1679-CE, em 21/03/2005. DRT 002936/00-92

CONSELHO EDITORIAL:
Afrânio Câmara, Luciana Bessa, Néia Gava, Elaine Meireles, Ivan Melo e José Roberto Morais.

REVISÃO E NORMATIZAÇÃO:

Elaine Meireles

DIAGRAMAÇÃO:
Nonato Nogueira

CAPA:
Reprodução da foto de Patativa do Assaré

AUDIODESCRIÇÃO:
Ana Paula Marques

CONTATO:

revistasarau2@gmail.com
Instagram: @revistasarau
https://revistasarau2.wixsite.com/website

A Revista Sarau é uma revista de literatura, música, cinema, teatro e artes visuais. É uma publicação eletrônica, de submissão aberta, publicada bimestralmente por escritores e artistas comprometidos com a divulgação da Literatura e da Arte em nosso país.

SUMÁRIO

5 Editorial
6 O arado de Itamar Vieira Junior / Luciana Bessa
8 Torto Arado de Itamar Vieira Junior / Péricles Melo
10 Nasce um escritor: Itamar Vieira Junior / Vanice Ricardo do Nascimento
11 Riqueza cultural em Torto Arado / Denilson Marques dos Santos
13 Arte Visual – Xilogravura / Nonato Araújo
14 Patativa do Assaré: espelhando o Nordeste / Néia Gava
16 Crença em um só / Sebastião Amâncio
17 E-mail para o Patativa / Norma Novais
18 Patativa / Rai Albuquerque
19 Voz que canta o sertão / Gerardo Pardal
20 O pássaro Patativa in concert / Carlos Nascimentto
21 Patativa do Assaré: a voz de um povo / José Roberto Morais
23 Reforma Agrária: a defesa do agregado / José Roberto Morais
25 Decassílabo para Patativa do Assaré / Jorge Furtado
26 Ave cantadeira / Ronaldo Lopes
27 Ave cantadora / Lúcio Cleto Paiva Uchôa
28 Canta ainda Patativa / Ronaldo Rogério
29 Aquele pássaro amarelo / Maykon Ferreira
30 Arte Visual – Resistência / Amauri Flor
31 A geração mimeógrafo e os agitadores marginais: Ana Cristina Cesar e a poesia marginal / Elaine Meireles
33 Ana Cristina Cesar – “Palavras, nossa asa e arma. Às vezes, mortíferas.” / Lucirene Façanha
34 Ana Cristina Cesar / Ana Paula Marques
35 O dó dos críticos de plantão! / José Walter Pires
37 Arte Visual / Ferreira Lima
38 Aberta 24 horas / Roberta Alexandre Lima
40 Do outro mundo / Fernando Gurgel Filho
41 “Pé de mundo” – poemas / Valéria Acioly
42 Quero ser eu mesmo / Murilo Almeida Oliveira
43 Fala sobre amor...Amores e outras drogas / Priscila Cavalcante
44 Percepção / Messias Rodrigues
45 Vozes estranhas / Joaquim Pontes Brito
47 Poemas / Sophia Jamali Soufi

EDITORIAL

A **Revista Sarau** tem articulado, a cada bimestre, partículas de um mosaico artístico-cultural de artistas de Língua Portuguesa das mais variadas expressões e manifestações da Literatura, Música, Cinema, Teatro e Artes Plásticas. Coloriram nossas páginas Clarice Lispector, Leandro Gomes de Barros, Cora Coralina, Ariano Suassuna, Mario Gomes, Flávia Suassuna, Vinicius de Moraes, Graciliano Ramos, Horácio Dídimo, Maria Carolina de Jesus, Cazuza, entre outros.

A revista de maio-junho, além de temas avulsos, traz conteúdo sobre uma carioca representante dos *Agitadores Culturais – Poesia Marginal* dos anos de 1970; um baiano cofundador do grupo musical *Novos Baianos;* um ganhador dos Prêmios LeYa e Jabuti, romancista baiano, estudioso sobre as comunidades quilombolas da Chapada Diamantina; um poeta popular, de linguagem simples, com cinco títulos de Doutor Honoris Causa. Estamos falando, respectivamente, de **Ana Cristina Cesar** (Ana Cristina Cruz Cesar), **Moraes Moreira** (Antônio Carlos Moraes Pires), **Itamar Vieira Junior** e **Patativa do Assaré** (Antônio Gonçalves da Silva).

Ana Cristina C., *Ana C.*, *Ana Cristina*, "singular e anônima" segundo Silviano Santiago, são abreviaturas de Ana Cristina Cesar, que produziu ensaios, críticas, poesias, tradução, prosas, dissertações acadêmicas, correspondências e cujo acervo encontra-se no Instituto Moreira Salles. Seus textos literários (*Cenas de Abril*, *Luvas de Pelica, A Teus Pés*, ...) são marcados pela originalidade, irreverência, instinto, metalinguagem, em um circular entre o Modernismo, Pós-Modernismo, participando da Geração Mimeografo e da Poesia Marginal.

Moraes Moreira juntamente com Pepeu Gomes, Baby Consuelo (Baby do Brasil), Paulinho Boca de Cantor, Luís Galvão, Dadi, em pleno regime militar dos anos de 1970, viveram no *Cantinho do Vovô* (em Vargem Grande /Jacarepaguá) e dali saiu o grupo musical os Novos Baianos (1969-1979). O grupo ainda se reuniu nos anos de 1990, 1996, 2015. Contudo, o cantor e compositor trilha na carreira solo e emplacou vários sucessos como *Preta Pretinha, A Menina Dança, Besta é Tu, Sintonia, Pombo Correio,* entre outras.

Itamar Vieira Junior, baiano como Moraes Moreira, é consagrado inicialmente em Portugal (ganhando o Prêmio LeYa) e somente depois é reconhecido no Brasil, como escritor excepcional com seus romances e, sobretudo, com *Torto Arado*. Nessa obra, o escritor clama o leitor a refletir sobre temas vários como o racismo, machismo, escravidão, empoderamento, encantamento, regionalismo, conflitos sociais.

Por fim, teremos a oportunidade de conhecer e reler textos do cearense Patativa do Assaré. O poeta popular, cantor, compositor e improvisador escreve *Triste Partida*, que musicada por Luís Gonzaga, cruza fronteiras nacionais e internacionais, tornando o mestre da oralidade motivo de monografias, dissertações e teses acadêmicas.

A todos, a Revista Sarau deseja uma boa leitura!

O ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Texto de Luciana Bessa

Prêmio Leya, no ano de 2018, Prêmios Jabuti (Brasil) e Oceanos (Portugal), ambos em 2020, **Torto Arado**, do escritor baiano Itamar Vieira Junior sacudiu as terras da fabulosa Literatura Contemporânea brasileira do último decênio. Há quem diga que se trata de uma obra clássica, todavia seu criador é categórico ao afirmar: "só o tempo dirá".

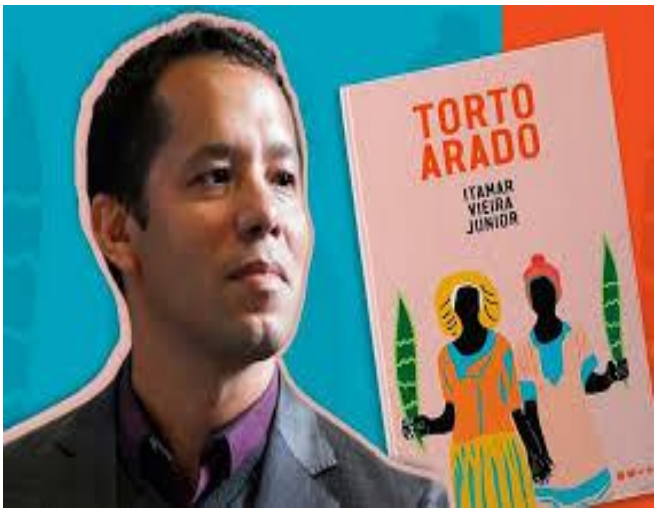


Foto: Reprodução

O tempo presente diz que **Torto Arado** (2018) é um texto "épico e lírico, realista e mágico" que nasceu, segundo seu próprio autor, para que pudéssemos pensar nas nossas origens, motivo que o faz usar a expressão "Brasil profundo", para falar das vidas e das pessoas com uma carga criativa e potencializadora, mas que estão invisibilizadas por um país racista e segregador, que tem em sua essência bases democráticas fragilizadas.

Influenciado pela Geração de 30 do Modernismo brasileiro, cujo foco eram os problemas sociais enfrentados pelo país: desemprego, fome, miséria e ditadura; com nomes como Graciliano Ramos (**Vidas Secas**), José Lins do Rego (**Fogo Morto**), Jorge Amado (**Capitães de Areia**), **Torto Arado** traz em seu bojo um cem número de temáticas para serem debatidas: relação do homem com a terra, exploração do homem pelo homem, sincretismo religioso, violência contra a mulher, analfabetismo, ancestralidade, memória, resistência do povo negro, relação fraternal (Crispina e Crispiniana, além das próprias protagonistas), etc.

O nome da obra **Torto Arado** foi retirado de um verso do poema "Marília de Dirceu", do poeta arcadista Tomás Antônio Gonzaga. Quanto às protagonistas, Bibiana e Belonísia, a primeira é uma breve referência à obra **O Tempo e o Vento** (1949-1962), do escritor gaúcho Érico Veríssimo; a segunda, teria sido uma mulher conhecida por Itamar durante seu trabalho como geógrafo no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). O mote da obra é a história dessas duas irmãs, a relação com seus pais e com a terra.

Trata-se um texto polifônico dividido em três partes, narrado por três vozes femininas. Primeira parte chama-se "Fio de Corte", narrado por Bibiana; segunda, "Torto Arado", contado por Belonísia e, por fim, "Rio de Sangue", que traz a voz de uma entidade do Jarê, religião de matriz africana, Santa Rita Pescadeira.

No primeiro momento da narrativa, Bibiana conta a travessura de criança cometida por ela e pela irmã, que marcará para sempre a vida de ambas: na ânsia de descobrir o que a avó, Donana, guardada dentro de uma mala embaixo da cama, uma faca com cabo de marfim, uma terá um corte na língua; a outra, ficará sem ela. Esse fato as torna ainda mais unidas. Uma se tornará a voz da outra.

Ainda é pela voz de Bibiana que sabemos sobre a chegada da família do irmão de sua mãe, Salustiana, na fictícia fazenda Água Negra, povoado do interior da Bahia: Tio Servó, a esposa, Hermelinda, e seis filhos, dentre eles, o primo Severo, que a princípio despertará o interesse das duas irmãs.

É ainda Bibiana que nos contará sobre as festas do Jarê, sobre o suicídio da avó, sobre o triângulo amoroso formado pelas gêmeas Crispina, Crispiniana e Saturnino, sobre as restrições impostas a quem vive em Água Negra, que passa por grandes períodos de estiagem, em que as crianças paravam de crescer, ficavam doentes e muitas chegavam a morrer. Um lugar sem escola, em que não podia construir casa alvenaria para não demarcar a posse.

A segunda parte, que leva o nome da obra, é contado por Belonísia. Importante destacar que se trata do capítulo mais longo da obra, narrado justamente por uma mulher que não tem voz, mostrando a resistência do gênero feminino. Belonísia é sinônimo de ação, de superação e de força.

Outro ponto interessante da obra é que, no primeiro capítulo, escutamos a história das irmãs pela perspectiva de Bibiana; no segundo, por Belonísia. É verdade que sempre existe os dois lados de uma história: do opressor e do oprimido; do ganhador e do perdedor; do que fala a verdade e do que não fala. Essa dualidade não funciona em **Torto Arado**. O que existe são duas irmãs que viveram a mesma história, mas que a transmutaram a partir de perspectivas distintas, já que eram mulheres com prioridades diferentes: enquanto Bibiana gostava de estudar (tornou-se professora), Belonísia, prezava estar ao lado do pai para arar a terra. A primeira foi viver fora da fazenda com seu grande amor, Severo, e teve quatro filhos. A segunda, nunca saiu de Água Negra, foi morar com Tobias sem amor, não foi mãe, sofreu violência, mas sempre se mostrou senhora de si. Mesmo com a morte do companheiro não retornou à casa dos pais: optou por cuidar do seu pedaço de chão.

A terceira parte da obra, “Rio de Sangue”, é narrado por Santa Rita Pescadeira, entidade do Jarê esquecida pelo povo, já que há “muita mudança na vida de todos”. Por ela, ficamos ciente da tomada de consciência por parte da população de Água Negra da realidade de miséria e subserviência em que estão inseridos, através das ideias de Bibiana e Severo. Este é morto por insuflar os moradores e trabalhadores a lutar por seus direitos. A princípio parece que a polícia vai investigar o crime, mas o caso é arquivado, porque foi descoberto que Severo tinha uma plantação de maconha. Ou seja, procura-se manchar sua imagem perante a comunidade e, dessa forma, enfraquecer a luta da comunidade por melhores condições. Mas Bibiana não permite que isso aconteça.

Torto Arado é uma obra de personagens extraordinárias, com uma linguagem fluida e envolvente, e de pautas fundamentais para se pensar o país que temos e o que queremos, sobretudo, qual o papel de cada um nesse processo.

Luciana Bessa - Doutora em Letras pela Universidade Federal do Ceará e membro da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno.

TORTO ARADO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Texto de Péricles Melo

FIO DE CORTE

Elas eram duas
Imagens tão distinta simbiose no fio do corte
Não era por acaso
Que, ao misturar suas tintas,
O dia era de uma
E a noite tão criança
duas só retrato da mordaça de Anastácia
Maestro de duas danças na festa de Jarê
As duas eu amava, nenhuma eu traía, que som melódicos poderia ter sidos produzido se a língua não cairá, metade de uma só duplo espelho
E a paixão talvez seja antes de tudo egoísta ou quem sabe, a traição me pareça oportunista
meninas com botões já poderiam causar nervoso as parteiras em águas negras
Ora mulher, ora menina
Se uma eu contemplava
A outra me fascina, sobre o olhar atento de seu pai
Era um encantado, o Velho Nagô, antigo conhecido do povo de Água Negra. Era o senhor do corpo e das bênçãos e curas que chegavam aos necessitados e à terra. Um xamã negro um curador ferido explorado em terras alheias.
Eu desejava as duas, não quis perder nenhuma
Deixei acontecer, vi nelas canedenses que protegiam outras na força dos seus quilombos
Talvez acreditasse serem simplesmente duas
Metades de uma só
Enquanto o tempo permitia
As outras gêmeas com histórias mais tristes projetavam suas sombras mais não privaríamos da festa de santa barbara continha a saia vermelha, o adé e a espada de Iansã, todos os adornos que a santa vestiria.
S. Sebastião, Cristo Crucificado, o Bom Jesus, S. Lázaro, S. Roque, S. Francisco, Padre Cícero. Os gêmeos Cosme e Damião poderiam ser duas mulheres segurando facas de fio de corte.

TORTO ARADO

Cabo de marfim fincado no solo, cheiro legitimo de terra
Mato verde nas narinas, caminho até a escola
Essas letras no quadro verde, lousa verde, casa de cor verde
não narram minha história.
Quilombos, quilombolas, quilombos, quilombos
Prefiro sentir no corpo as lições que a vida da Essa
terra úmida pede para parir.

cordão umbilical ligado a tudo que me fez barro como ídolo mudo sem serventia, virar pó em suas mãos o patriarcado não me oprime enquanto empunho a espada de Donana pai mãe e filha roda de encantados a sede de poder secou o pote que de barro se quebrou
um lenço sobre minha cabeça, penso em nossa terra usurpada vencida vendida meus olhos procuram ver claramente minha língua golpeada não fala enganosamente continuo com o pescoço reto em dura cerviz os meus ombros são largos para suportar as agruras sinto a interferência na minha medula como cristais meu peito como um torto arado, busca de uma direção minhas entranhas e coração pulmão e rins cumprir suas devidas funções meus braços e mãos empunham a espada de marfim com tanta dor frutificou meu amor
dentro da propriedade minhas pernas e pés correm e não se cansa caminha e
não desfalece a terra me puxa para baixo, terra vendida cercada comprida como
a terra não é minha faço dela vida Eva e comida.

RIO DE SANGUE

Não me colocaram em nenhum de seus planos
Vontade de destruir casa de vidro e de barro
A sua casa já desmoronou no meio da sala?
Você já tentou varrer a areia de água negra? Vontade
de destruir casa de tijolo, que me foi negada
Já ficou no escuro ouvindo o canto da cigarra?
Esse rio Tinto, tal qual o Nilo quando foi tingido
Esse vermelho era feito de bala
Esse rio caldoso lento, derramando sangue para destruir sonhos
Já perdeu a hora quando o tempo para?
Já gritou uma palavra até perder a fala? Mora
mais de cinquenta anos perto deste rio
Não posso fazer e refazer casas de tijolos
Me sinto inquilino em terra estranha
Deslocado perco a hora quando o tempo para
Sobre a terra há de viver sempre o mais forte
Já colocou todas as roupas do armário na mala?
Sentimento voraz como onça acuada
Já dormiu sem ninguém num canto de rodoviária?
Já dormiu com alguém por migalha?
Me disseram que do outro lado do mundo tem uma praia grande
Mais meu corpo já se modulou com a terra negra
Água negra, há de viver sempre o mais forte.

Péricles Melo – Professor de História e poeta. É um apaixonado clássica. É autor do livro “Antes do orvalho, poesia no rosto”.

NASCE UM ESCRITOR: ITAMAR VIEIRA

Texto de Vanice Ricardo do Nascimento

Ele é de Salvador
Terra de grandes escritores:
Gregório de Matos, Castro Alves,
Jorge Amado, Zélia Gattai....

Formado em Geografia
Estudou seu país, seu povo
Aculturou-se pelos quilombolas do interior
Do seu grande Nordeste brasileiro.

E pelo encantamento do mundo rural
Foi desenvolvendo intelectualmente
Estudos sobre sua gente que sofre
Patriarcalismo, exploração da sociedade.

Com dedicação de quem ama, reconhece
Sua identidade, cultura, entende nossa gente
E porque reina no campo os sofrimentos:
De desigualdades, os sem-terra, violências.

Nasce assim o escritor Itamar Vieira Júnior
Fruto de engajamento ativo
Experiências vividas junto aos excluídos
Sua denúncia é a real literatura brasileira.

Vanice Ricardo do Nascimento - Professora e Poetisa. Tem poemas publicados pela Editora Contos livres e outras antologias. Prefaciadora da Antologia O Grito Delas, A Voz Silenciada que agora ecoa. Pela editora Brunsmark. É autora do livro: VIDAS, pela Coleção Mulher Maravilhosa Volume 8 uma edição da ALB Campos RJ GRUPO EDITORIAL.

RIQUEZA CULTURAL EM TORTO ARADO

Texto de Denilson Marques dos Santos

Nas terras de Água Negra, sob o céu sertanejo,
Duas irmãs tecem vidas, entre o amor e o desejo.
Bibiana e Belonísia, almas entrelaçadas,
Pelo destino marcado, por histórias intercruzadas.

Um arado torto guia, o sulco da existência,
Cortando a terra seca, com firmeza e resistência.
A lâmina que separa, também poderá unir,
No silêncio de uma língua, que aprendeu a resistir.

Memórias de um passado, em cada canto ecoam,
Histórias de ancestrais, que na voz do povo soam.
O canto do sabiá, na imensidão deste sertão,
Carrega a esperança com força na tradição.

Na luta pela terra, o direito de viver,
As irmãs de Água Negra, não cessam de tecer.
Com fios de coragem, e retalhos de paixão,
Elas bordam a história com sua própria versão.

E assim segue o arado, em seu caminho tortuoso,
Entre mitos e verdades, neste Brasil majestoso.
"Torto Arado" de Itamar Vieira nos revela, com sua prosa envolvente,
A alma de um povo forte, resiliente e persistente.

"Torto Arado" é um romance escrito por Itamar Vieira Júnior em 2019 onde seu enredo passa no sertão baiano, na fazenda fictícia de Água Negra, localizada na Chapada Diamantina. A narrativa acompanha a vida de duas irmãs, Bibiana e Belonísia, desde a infância até a vida adulta. A história começa com um acidente na infância, quando as irmãs encontram uma faca antiga de prata com cabo de marfim e uma delas perde a língua. Este evento traumático liga as vidas das irmãs para sempre, com a irmã muda se comunicando através da outra.

A família das irmãs vive em condições análogas à escravidão na fazenda, sem direito a terra, moradia digna ou mesmo aos

alimentos que cultivam. A narrativa explora as dificuldades enfrentadas por trabalhadores rurais descendentes de escravizados, geração após geração. O livro também aborda temas como racismo, disputa de terras e a violência sofrida pelas mulheres.

O romance é dividido em três partes: “Fio de Corte” (com 15 capítulos); “Torto Arado” (com 24 capítulos) e “Rio de Sangue” (com 14 capítulos), cada uma com um narrador diferente, oferecendo perspectivas distintas sobre os eventos. “Torto Arado” é uma obra que mergulha em questões sociais profundas, como a desigualdade social, a luta pela terra e a resistência dos povos negros e indígenas no Brasil.

Retirantes/ Cândido Portinari (1944)

O autor leva o leitor nesta obra a mergulhar nas profundezas de um Brasil pouco conhecido por muitos, principalmente os que vivem nas grandes metrópoles. Um país que, mesmo depois de mais de um século da assinatura da Lei Áurea, não conseguiu se livrar totalmente do passado escravocrata.

A oralidade na narrativa de “Torto Arado” é um elemento essencial, pois ela reflete a cultura e a tradição das quarenta famílias que vivem na fazenda Água Negra, situada na Chapada Diamantina. As histórias orais dos ancestrais destas famílias são uma fonte de força e resistência, ajudando-os a enfrentar as adversidades e os caminhos tortuosos de suas vidas.

A narrativa do livro é marcada por uma prosa poética e melodiosa, que convida o leitor a ler em voz alta, para realmente escutar as vozes dos personagens. Isto ressalta a importância da oralidade como meio de comunicação e preservação da memória cultural.

Além disto, a perda da língua por uma das personagens principais, Belonísia, e a necessidade de se comunicar através da irmã Bibiana, simboliza a “*castração verbal*” a que eram submetidos os negros e indígenas no Brasil desde a época de Cabral. Isto destaca a oralidade não apenas como um meio de contar histórias, mas também como um ato de resistência e sobrevivência cultural.

Denilson Marques dos Santos - Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (PPGCR/UEPA); graduado em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (UNESA); Membro do Grupo de Pesquisa (GP) Arte, Religião e Mémória (ARTEMI/UEPA); docente da Secretaria Executiva de Educação (SEDUC-PA) e da Secretaria Municipal de Educação (SEMED-Ananindeua) / Ministrando as Disciplinas “Filosofia” e “Estudos de Religião”; E-mail: dede_cecilia@yahoo.com.br

ARTE VISUAL

XILOGRAVURA DE NONATO ARAÚJO

PATATIVA DO ASSARÉ

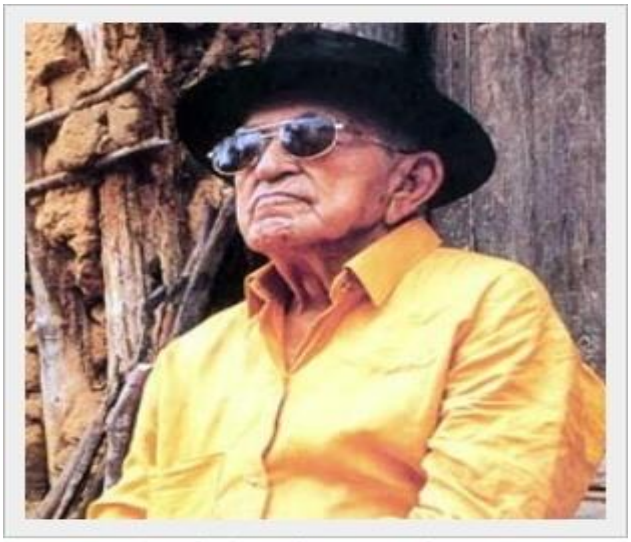
Visite o Ateliê Nonato Araújo e Galeria Maria Pio

Rua Presidente Vargas Via Férrea, 3286 - Parque Presidente Vargas. Contato: (85) 987383650

RESENHA LITERÁRIA: NÉIA GAVA

Patativa do Assaré: espelhando o Nordeste

A resenha literária desta edição da Revista Sarau aborda o poema Triste Partida, de Patativa do Assaré. Nele, o leitor é instigado a pensar sobre o seu cotidiano e suas dificuldades diárias. Confesso, sem nenhum pudor, que sempre me emociono ao ler os trabalhos deste autor que enobrece a cultura literária do Brasil.



Patativa do Assaré o poeta do sertão.

Foto: Reprodução

Patativa do Assaré marcou época, gerações. E segue marcando a contemporaneidade. Como isso é possível? Simples. Homem do Sertão Nordestino. Despretensioso. Trabalhador. Poeta. Compositor. Com seus repentes alegrou muitos corações. Com sua linguagem genuína, aproximou-se de todos, como poucos conseguem.

Em suas poesias tratou logo de falar sobre o seu Sertão. Que, na verdade, é o Sertão de todos nós brasileiros. Com a vida simples refletida em Triste Partida, Patativa retratou o cotidiano de seus conterrâneos. Dias muito difíceis. Outros, um pouquinho mais difíceis. Trabalho árduo. Outros sequer o possuíam.

De tantas mazelas, muitos nordestinos, assolados pela seca, sentiram-se ameaçados pela fome. Por esta triste razão, foram forçados a migrarem para o Sudeste, especialmente para São Paulo. Certamente, fora uma dolorosa decisão de muitas famílias que, inseridas neste cenário de escassez, correndo risco de morte, vendem o pouco que possuíam para encarar o desconhecido, rumo ao sonho de uma vida melhor.

Mas o poema não tem um final feliz. Infelizmente. A maioria das famílias, todas esperançosas, encontram, em São Paulo, não o sonho, mas pesadelos disfarçados de hostilidade e de muitas lutas para sobreviverem fora de seus ninhos. Em ambiente desconhecido, tudo se torna mais fatigante.

Triste Partida descreve não só um ciclo anual de esperança, que sempre é renovada com as chuvas, mas também de muitas desilusões decorrentes da aridez do sertão. Mas neste cenário contraditório, os nordestinos creem. Creem em dias melhores. Depositam sua fé em seus santos de devoção e fazem suas promessas.

Foto: Reprodução

"Meu Deus, Meu Deus", implora o nordestino diante das mazelas do árido Sertão. Mas com fé segue o seu cotidiano, renovando suas esperanças em busca constante por dias melhores para sua família. Os filhos, ainda inocentes, sentem falta somente do seu lar e de tudo o que nele ficou: animais e brinquedos. Quanta pureza, oh, meu Deus.

Triste Partida, com seu lirismo e suas entrelinhas, evidencia que a resiliência do povo nordestino é exemplo para toda a humanidade. O poema também revela uma crítica social. Como um povo tão rico de fé, de sorrisos contagiantes e de cultura diversa é tratado de forma tão desigual? Como pode essa gente tão bonita de tudo ser abandonada por nossos "representantes"?

Enfim, ainda ouso questionar: como não se emocionar diante desta obra de Patativa do Assaré? Como não sentir as dores do nordestino pelos olhos literários deste autor? Como não se indignar com aqueles que desprezam esse Estado que enriquece e enobrece a cultura brasileira?

Triste Partida

Um homem e muitos repentes

Patativa do Assaré
Com seu talento,
Sua simplicidade.
Com o seu encanto
De repente, com seu repente,
Encantou.
Patativa contou, cantou.
Seus versos a muitos contagiaram.
Homem do Triste Partida
Que ganhou o mundo.

Trilhou caminhos líricos.
De raízes áridas,
Sobreviveu aos tormentos do sertão.
Não se intimidou.
Seus versos
A todos os cantos
Chegaram.
Inspiração nordestina
Que inspira a quem
Por suas palavras passeiam.

Néia Gava é Especializada em Letras: Português e Literatura. Escritora e Poeta (seis antologias publicadas). Membro do Conselho Editorial e Colaboradora da Revista Sarau (Fortaleza - CE). Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Venda Nova do Imigrante (ALAVENI). E Acadêmica Correspondente da Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro (APALA-RJ).

CRENÇA EM UM SÓ

A Patativa do Assaré

Texto de Sebastião Amâncio

A vida que Deus deu
Por demais é importante
Não importa se é ateu
Cristão, hindu, protestante
E quando o sujeito nasce
Pede logo a tal saúde
Pra que sua vida passe
Em perfeita plenitude

Depois de adulto cisma
Que a crença é sem valor
Fica desdenhando a crisma
Batismo, seja o que for
Mas na hora de acamado
Pede aos céus para viver
Com toda fé no adorado
Para nunca mais sofrer

Um tal se Deus quiser
Sai ligeiro da garganta
Para se apegar à fé
Sente muita confiança
Em quem está lá em cima
Acudindo todo mundo
Seja de qualquer estima
Sujo, limpo ou imundo

Quando volta a ficar bom
A revolta vem de novo
Àquele que tem o dom
Ao pai todo poderoso
Dizendo há outros seres
Entre tantos adorados
Mas não crê em nenhum deles
Nem no Dia de Finados

Deus é um só para todos
Seja qual for sua crença
Atendendo até os rogos
Daqueles que têm sentença
Ama a todos por igual
Sem pedir nada em troca
Com seu amor fraternal
Ajudando a quem o invoca

Por fim eu digo ao senhor
Não adianta se enganar
Deus é o maior pastor
Aqui, em qualquer lugar
Merece o amor daqueles
Quem o chama a qualquer hora
Assim sendo todos eles
São servidos sem demora

Sebastião Amâncio é licenciado em Letras Português/Inglês pelo Instituto Federal do Paraná – IFPR Campus Palmas. É autor do romance ‘O menino do Passo’, pela editora Autografia e tem participação em várias antologias poéticas. Autor premiado em 2023 com o 1º lugar no VI Concurso de Poesias da ACLOB (Academia de Ciências e Letras de Ouro Branco/MG), na categoria nacional, com o poema ‘O moderno tupiniquim’. É também professor na educação básica, nos componentes de língua inglesa e língua portuguesa. É ainda cronista e contista.

E-MAIL PARA O PATATIVA

Texto de Norma Novais

Eu quase me acabei.
Ao tentar mandar um e-mail
Pro Patativa no céu.
É que eu não soube fazer.
Um poema bem ligeiro.
Cheio de sabedoria.
Do modo que ele sabia.

Num vai aparecer criatura.
Que faça repente tão solto e tão bonito.
Que fale das injustiças que passamos por aqui.
Bendizendo a natureza, cantando a liberdade, falando do Cariri.

Não tem remessa eletrônica.
Que faça Assaré ao infinito chegar.
Pois Patativa foi contratado para no céu poetar.
Alegrando aqueles que São Pedro fez entrar.

Vamos espiar com saudade
Os versos que ele deixou.
Nos matos e na cidade.
Que com tanta inteligência e humildade.
A todos nos encantou.

Norma Novais é Assistente Social e Psicóloga, autora de três livros de poesias e crônicas. Participou da Antologia A vida em poesia (Revista Sarau).

PATATIVA

Texto de Rai Albuquerque

Quem conhece Patativa
Não pode se esquecer
Seu nome, a sua rima
Dos versos o seu poder

Criava com maestria
Falando da sua lida
Da terra, do seu viver

Cantou o povo da roça
Que planta pra outro colher
O operário sem casa
Na cidade a sofrer

Chamou em sua trova
Os que estavam a padecer
A darem as suas mãos

E juntos como irmãos
Lutarem por seus direitos
Sem nunca esmorecer

Rai Albuquerque mora em Fortaleza, Ceará. Graduada em Letras e pós-graduada em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Ceará. É professora, aromaterapeuta e poeta.

VOZ QUE CANTA O SERTÃO

Texto de Gerardo Carvalho Frota (Pardal)

Por ter n'alma muita fé
Até hoje está de pé
Marcando bem nosso chão
Pra que todo mundo escute
A força que repercute
NA VOZ QUE CANTA O SERTÃO.

Poeta que sente a dor
Deste sertão sofredor
Nele vive em comunhão.
Pelos fracos pelo pobre
Canta seu canto nobre
A VOZ QUE CANTA O SERTÃO.

Traz no rosto sofrimentos
Causados pelos tormentos
Vividos neste torrão.
Mas na alma está bem viva
A energia de Patativa
A VOZ QUE CANTA O SERTÃO.

Da poesia popular
Por aqui neste lugar
Não há maior expressão.
Todo sertão reconhece
Seu povo jamais esquece
A VOZ QUE CANTA O SERTÃO!

Gerardo Pardal - Professor, licenciado em Filosofia (FAFIFOR)poeta, escritor, cordelista, presidente do Cecordel. Bacharel em Comunicação pela UFC.

O PÁSSARO PATATIVA IN CONCERT

Texto de Carlos Nascimentto

O sol dava gargalhadas de fótons por toda praça. A praça estava apinhada de curiosos filhos do povo ao sopé do palco. Queriam ver e ouvir o poeta do sertão, o sertanejo que capinava em sua poética com a precisão de um cirurgião e com a profundidade de um filósofo.

Aqueles tempos eram tempos de silêncio e chumbo. Mas, ali, na Praça do Ferreira, depois da lírica do Quinteto Agreste, ia-se ouvir a voz trêmula e rouquenha do maior poeta popular do Brasil.

Na multidão olhos delatores se esgueiravam... O nordestino sol da Terra de Alencar, naquele dia, parecia estar gritando a necessidade de mais luz para acender a liberdade no país.

Anunciaram o poeta. Palmas. O homem com seu chapéu e alma de cabra da peste pegou o microfone, e a sua dor humanística e rebelde se derramou, fertilizando aquelas mentes trabalhadoras. Rebeldia e esperança era a boia do dia, ali servida pelo pássaro Patativa, aquele que era maior que Juvenal e tiveram ninho em Assaré.

PATATIVA UNIVERSAL DO ASSARÉ

O cantor do sertão mais sertanejo!
O mais aéreo pássaro e mais rasteiro!
É Patativa _ o grão poeta e o roceiro!
Cujo verso é poema sem gaguejo!

Todo mundo a imita-lo é vão pelejo...
Mas ninguém a este mestre faz-se inteiro!
É Patativa _ popular de alma e cheiro!
De talento que igual não há, não vejo!

De Assaré, do Ceará, do meu Nordeste!
Patativa - com seu estro, espada agreste,
Fere fundo a avareza e o egoísmo!

Um brasileiro, um poeta, um pensador!
Em Patativa - arte é vida e em favor,
Do mais alto voo do humanismo!

Carlos Nascimentto é professor, escritor e artista plástico.

PATATIVA DO ASSARÉ: A VOZ DE UM POVO

Texto de José Roberto Morais

Antônio Gonçalves da Silva, conhecido pelo epíteto de Patativa do Assaré, nasceu no dia 05 de março de 1909 na Serra de Santana em Assaré, região do Cariri, interior do Ceará, vindo a falecer em 2002. Filho de Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva, ambos agricultores. Aos nove anos, ficou órfão de pai e teve que trabalhar duro para sustentar a família. Depois, frequentou uma escola quando aprendeu a ler. Apaixonou-se pela leitura de cordel e começou a produzir seus próprios versos. Aos 16 anos, comprou uma viola e começou a improvisar. Aos 20 anos, o primo de sua mãe que residia no Pará veio a Assaré e o conheceu. No retorno ao Pará, o levou consigo e o apresentou ao José Carvalho de Brito, autor do livro "O Matuto Cearense e O Caboclo do Pará", que o chamou pela primeira vez por Patativa do Assaré. Depois, Patativa foi apresentado a Dra. Henriqueta Galeno, filha do poeta Juvenal Galeno. Após ouvir suas recitações, o latinista José Arraes de Alencar, vindo do Rio de Janeiro, decidiu publicar os poemas na Editora Borca. Em seguida, saiu a segunda edição e assim seu livro fez grande sucesso. Seguiram outras publicações, e em 1988 foi publicado o livro de poemas "Ispinho e Fulô" [1] pela Imprensa Oficial do Ceará, produção e prefácio de Rosemberg Cariny.

Patativa do Assaré é, sem dúvida, um importante poeta popular brasileiro. Com uma visão crítica aguçada, o versejador preocupa-se em representar em suas composições aqueles injustiçados e marginalizados pelo sistema político opressor; em função disso, tornou-se a voz do povo nordestino e inspirado no cotidiano de seu povo declamou poemas que se tornaram hinos do Nordeste. Como "Vaca Estrela e Boi Fubá"; "A Triste Partida"; "A Terra é Nossa"; "Lição do Pinto", entre outros, que retratam a triste realidade vivida pelos nordestinos que enfrentam a seca impiedosa e o desprezo por parte dos governantes. Usando metáforas, analogias e outras figuras de linguagens, o poeta consegue expressar a sua dor e sua insatisfação relativas aos problemas enfrentados pelo povo que representa.

A seca é um tema bastante abordado em sua poesia, pois o autor foi vítima de algumas das devastadoras estiagens que atingiram o Nordeste. A fuga desse fenômeno climático também está presente em seus versos, já que ele passou por tal acometimento, conforme está registrado em seu poema "A Triste Partida", que fora posteriormente musicado por Luiz Gonzaga. Outra questão que perturba o poeta e a população é a má distribuição de terra.

Foto: Reprodução

Segundo Brito "o poeta (Patativa do Assaré) se deu conta de que poderia traduzir sua compreensão do mundo por meio dos versos" [2]. Para isso, ele sempre usou as

palavras como forma de interação com o público leitor de sua obra ou ouvintes de suas declamações. No seu livro "Ispinho e Fulô" tratou das questões sociais na maioria de seus poemas, já que ele (Patativa) sentia-se vítima esquecida pelos poderosos e conhecia como poucos os problemas enfrentados pela sociedade. Traduziu sua compreensão do mundo em poemas que se tornaram hinos da poesia popular, mas também escreveu poesia erudita quando bebeu na fonte de leituras de Castro Alves, Olavo Bilac, Camões e outros; porém, foi na poesia popular que se dedicou e produziu poemas que retratam verdadeiramente a sua realidade. Patativa observava minuciosamente a realidade que enfrentava e percebia nos versos a arma poderosa que sua fala se tornava ao expor as suas ideias. A preocupação com os problemas enfrentados pela sociedade é evidente em seus poemas, como "A Triste Partida", "Reforma Agrária", "A Terra é Naturá", "O Boi Zebu e As Formigas", "Nordestino, Sim, Nordestinado, Não", e na maioria dos poemas que contemplam o livro "Ispinho e Fulô".

Marcado por forte oralidade, os poemas patativanos demonstram a forte interação entre ele e a sociedade. Através da poesia oral que ecoa pelo espaço mítico do sertão e comunica ao receptor que não tem domínio dos códigos da escrita, Patativa construiu o seu domínio e se tornou admirável, segundo Carvalho. Sua obra retrata a busca e a luta incansável, durante toda a vida, pela reforma agrária, pelo socialismo e contra o preconceito, a exclusão e a miséria.

Quanto a política, Gilmar de Carvalho afirma que "as relações entre Patativa do Assaré e a política passam pela compreensão da síntese que ele fez entre o trabalho manual e o intelectual, superando a velha dicotomia que tanto inquietou filósofos e cientistas sociais" [3], pois o campo é o local privilegiado para sua criação poética. Durante o seu trabalho na labuta (roçado), usando a enxada, sua amiga incansável e companheira, Patativa realiza outro trabalho inquestionável, o intelectual, pois enquanto o poeta trabalha na lavoura - plantando, cuidando, ou colhendo o milho, o feijão, a mandioca e outras sementes - a sua mente incansável constrói os mais belos poemas que são mentalizados pelo poeta. Poemas estes, que à noite, quando saciado, procurando descanso para o corpo, são declamados para ouvintes que habitam o seu lar, sua família e amigos.

Possuidor de um dom especial no que se refere ao trabalho com a oralidade, Patativa sente como poucos os problemas de todos que o rodeiam, principalmente dos pequenos agricultores e dos esquecidos pela elite, e a partir dessa empatia produz os seus poemas como forma de manifestar sua inquietação e revolta acerca dos obstáculos com os quais é obrigado a conviver, depois os guarda na memória para serem declamados em situações adequadas. Segundo Carvalho, a sua consciência da cidadania e a aceitação das dores do mundo dão uma dimensão de sua ética pessoal e de sua empreitada em criar e tentar modificar o mundo através das palavras.

[1] ASSARÉ, Patativa do. ***Ispinho e Fulô***. São Paulo: Hedra, 2005.
[2] BRITO, Antônio Iraildo Alves de. ***Patativa do Assaré***: Porta Voz de um Povo: as marcas do sagrado em sua obra. São Paulo: Paulus, 2010, p.11.
[3] CARVALHO, Gilmar de. ***Patativa do Assaré***: Pássaro Liberto. Publicado pelo Museu do Ceará. Fortaleza, 2002, p. 46/48.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Membro fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC), cadeira nº 09; e da Academia de Letras do Brasil (ALB/Seccional Regional Araripe CE), cadeira nº 22. É sócio efetivo da Sociedade dos Poetas de Araripe (SPA), cadeira nº 13. E-mail: joserobertos2013@gmail.com

REFORMA AGRÁRIA: A DEFESA DO AGREGADO

Texto de José Roberto Morais

"A função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura, decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do caráter de expressão, coroada pela comunicação", segundo Cândido [1]. Esse poder de expressão e comunicação torna a interação entre o poeta e a sociedade cada vez mais forte, pois ele usa sua arma poderosa, as palavras, para conseguir exprimir os seus sentimentos na luta em defesa dos necessitados. Patativa do Assaré sabe como manifestar-se usando as palavras adequadas unidas a eloquência, semelhante ao canto de um pássaro, pois ele tem poder na fala e "é capaz de sentir como poucos os problemas de todos." [2].

O poeta nutre um sentimento desmedido pelo seu povo, por isso ele toma suas dores e as expõe através de versos que traduzem todo seu amor e sua vontade de liberdade, ele usa sua voz no sentido de denunciar e de acalentar os párias de uma sociedade segregada. Representante desse tom de denúncia e insatisfação é o poema intitulado "Reforma Agrária" [3], que exprime em seu conteúdo o verdadeiro sentimento do poeta que parte em defesa do trabalhador agregado, logo na primeira estrofe do soneto percebemos esse intuito delator e acalentador.

> Pobre agregado, força de gigante,
> Escuta amigo o que te digo agora,
> Depois da treva vem a linda aurora
> E tua estrela surgirá brilhante.

Nesse, o poeta enaltece o agregado por sua força desmedida, apesar de ser conhecedor de seu sofrimento e sacrifício diário. Pode-se compreender que o trabalhador é invisível aos olhos das camadas superiores, por não desfrutar da mesma posição social que os mesmos, mas, apesar disso ele é um forte, como afirmou também Euclides da Cunha na sua obra, Os Sertões: "O sertanejo é antes de tudo, um forte" [4]. Patativa diria que o agregado é antes de todos, um gigante. O adjetivo pobre que qualifica o substantivo agregado remete a situação precária em que vive o nosso povo, pois ela faz lembrar outra palavra, miséria. Miséria é a situação vivida por muitos brasileiros que sofrem devido à má distribuição de terra e renda. Diz-se que o primeiro verso do soneto, traz duas ideias contrárias, mas que unidas permitem a compreensão do real significado da expressão: pobre e gigante que caracterizam o agregado.

No segundo verso: "Escuta amigo o que te digo agora", o poeta interage com o receptor da mensagem, o considerando um amigo, em tom afável e consolador o convida a ouvi-lo para que possam interagir. Essa interação ameniza as dores de ambos.

No terceiro verso; "Depois da treva vem a linda aurora", o poeta acredita que as coisas irão mudar, para isso, ele usa duas metáforas; treva e aurora. A treva seriam os momentos difíceis, a escuridão, o pesadelo de uma vida sofrida; já a aurora virá para mudar, seria a luz, a claridade, a solução para os problemas. Podemos acomodar essa passagem do poema na categoria de "Poesia Insubmissa", já que esta representa o grito de denúncia acompanhado por um brado de esperança na mudança da situação delatada.

O quarto verso vem para complementar o quarteto: "E a tua estrela surgirá brilhante". Essa estrela seria a vida do poeta e de todos que se familiarizam com suas palavras. Na segunda estrofe:

Pensando em ti eu vivo a todo instante
Minha alma triste desolada chora
Quando te vejo mundo afora
Vagando incerto qual judeu errante.

Nesses versos o poeta cita o mito do judeu errante. Segundo uma versão desse mito, um judeu chamado Ahasverus, teria sido amaldiçoado a vagar pelo mundo sem destino, sem morte, até o fim dos tempos, por ter ironizado Jesus quando este passava com a cruz onde aquele trabalhava. As versões sobre o suposto episódio do judeu errante variam de país a país. Neste poema, Patativa do Assaré nos permite compreender a relação entre o agregado que vive vagando e trabalhando em terras alheias por não ter terra fixa para trabalhar. Logo, é possível observarmos o sofrimento do poeta ao ver a triste situação do trabalhador, a sua alma chora por vê-lo vagando no mundo incerto, expulso de seu lar por situações climáticas desfavoráveis acompanhadas da indiferença dos governantes por sua situação.

É possível perceber essa ideia vinculada aos seguintes versos, nos quais o poeta incentiva a sociedade a lutar unida por seus objetivos, que no poema é representado pela reforma agrária. Nela, o poeta vislumbra a solução para os problemas enfrentados pela classe que representa. Observa-se ainda que o poeta considera a triste situação do agregado uma fadiga cruel que o obriga a padecer de situação precária.

Para saíres da fatal fadiga,
Do horrível jugo que cruel te abriga
A padecer situação precária.

Palavras de incentivo, conselho e esperança mais uma vez se tornam presentes na última estrofe, na qual o poeta sugere o que acredita ser uma solução: a reforma agrária.

Lutai altivo, corajoso e esperto
Que só verás teu país liberto
Se conseguires a reforma agrária.

Nessa última estrofe, percebe-se palavras de força e coragem relacionadas à vontade de lutar para conseguir seus objetivos, nesse caso, a reforma agrária. Encontra-se, portanto, nesse soneto, a denúncia já mencionada anteriormente, ele ainda mostra a grande preocupação do poeta, vitimizado pelas injustiças que os acometem. O eu-lírico se sente esquecido junto ao seu povo, e defende o agregado que trabalha para um patrão por não possuir terra própria para cultivo e alimentação de sua gente, garantindo assim sua subsistência.

[1] CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, p. 56.
[2] CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**: Pássaro Liberto. Publicado pelo Museu do Ceará. Fortaleza, 2002, p. 48.
[3] ASSARÉ, Patativa do. **Reforma Agrária**. In "Ispinho e Fulô". São Paulo: Hedra, 2005.
[4] CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. 27ª ed. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1963, p. 94.

José Roberto Morais - Professor, poeta, cordelista e escritor araripense. Membro fundador da Academia Cearense de Literatura de Cordel (ACLC), cadeira nº 09; e da Academia de Letras do Brasil (ALB/Seccional Regional Araripe CE), cadeira nº 22. É sócio efetivo da Sociedade dos Poetas de Araripe (SPA), cadeira nº 13. E-mail: joserobertos2013@gmail.com

DECASSÍLABO PARA PATATIVA DO ASSARÉ

Texto de Jorge Furtado

Foto: Reprodução

Patativa, poeta do sertão,
Através do seu canto popular,
Conseguiu, com astúcia, retratar
Toda a luta do povo, pelo chão.
Não temia a nenhuma restrição
Do regime infame ditador,
Seu prazer sempre foi ser trovador,
Se encantando nos versos que fazia,
E eu não sei por que vemos hoje em dia,
Tanto herói se tornando traidor.

Jorge Furtado é poeta, cordelista, compositor. Participou de algumas antologias, tem alguns cordéis publicados. Recentemente está divulgando nas faculdades e escolas, a adaptação em cordel da fábula do pote rachado, em português e esperanto. E-mail: poetafurtado2@gmail.com

AVE CANTADEIRA

Texto de Ronaldo Lopes

Conheci na estrada desta vida
Uma ave Cantadeira
Vivia a versejar
Fazendo brotar de sua boca,
Por que não dizer bico
Canções e poesia imatura
Tão genuinamente nordestina
Essa ave ganhou o Mundo
Mas nada era maior que seu dom de cantar
Sim...o céu é maior,
Mas, ali era sua casa
Tanto que hoje resolveu morar de vez por lá
Lá lá lá .... era assim...
Lá vai a ave Patativa
A cantar, versejar
Dizer dos entes da Terra
Homens, animais, pássaros, formigas (vegetais e bichinhos)
Dizer deles para eles menos, para os demais...
Esse "home" era demais
Sobrava para este mundo
Em guerra e desalinho
Hoje chove do Céu outros versos de lá
Só que, esses versos
De Amor e paz não
Conseguem ser ouvidos.
Se antes eram incompreendidos, pois
De que vale ouvir e não praticar
Melhor falar miolo de pote, enfiar peido em cordão ouvir dizer, não entender, isso dói no ouvido de quem só quer ser as pregas...
Eu vou e se deitar numa bela rede e ler, meditar
As poesias do mestre Patativa, meditar as palavras de quem
de Assaré mandou seu recado para o mundo e toda a humanidade.
Saudades, Mestre...
Inté...

Ronaldo Lopes Lessa - músico, compositor e Naturalista se firmou como músico autodidata na comunidade do Pirambu, zona oeste de Fortaleza.

AVE CANTADORA

Texto de Lúcio Cleto Paiva Uchôa

Patativa do Assaré
nunca vi ave canta
dora assim de um
canto que encan
ta qualquer um!
Ave pássaro maior
do Nordeste do
Brasil cantar as
sim nunca se viu
de canto igual!
Pássaro de cantar
em alto e bom
tom faz versos
como criança
brincando séria!
Patativa do Assaré
em cante lá que
eu canto cá nun
ca vi cantar mai
or é encantador!

Lúcio Cleto Paiva Uchôa é um poeta popular de Fortaleza – CE.

CANTA AINDA PATATIVA

Texto de Ronaldo Rogério

Enquanto a seca maldita
Sufocar o meu sertão
Enquanto o modernismo
Degradar o meu torrão
Enquanto no egoísmo
A terra viver cativa
Os poetas saberão
Que ainda canta Patativa

Enquanto no meu sertão
Beirar esse precipício
E a tal da lei dos homens
Padecer do mesmo vício
O cangaço continua
De maneira incisiva
A pregar em seu ofício
Que ainda canta Patativa.

No meio desta desdita
Entre a rosa e o espinho
Enfrentando a besta-fera
Minha arma não embainho
O sertão que mora em mim
Diz de forma proativa
Com compaixão e carinho
Que ainda canta Patativa.

José Ronaldo Rogério Alexandre, nasceu em Fortaleza em abril de 1961, tem raízes familiares em Quixadá, Banabuiú e Itapajé. Poeta, cordelista, autor e compositor bissexto. É brincante do Maracatu Solar, diretor de arte do Arraiá Zé Testinha, fundador do clube de xadrez Ronald Câmara (JW) e membro do grupo Crítica Radical.

AQUELE PÁSSARO AMARELO

Texto de Maykon Ferreira

Um dia veio em casa,
Liberdade de assoviar.
um pássaro amarelo.
Liberdade de voltar.
Um pássaro tão bonito,
Com a família se juntar
Calmo e singelo.

Liberdade de voar e voar.

Um voo tão assustado,
No assovio me alegrei.
Vi no seu olhar um ser

No seu voo eu chorei.
Aflito e apavorado.

Chorei de alegria.
Com vontade de viver.
Certeza,
não esquecerei.

No seu voo e olhar,
Cheguei a sentir a dor.
A ausência do seu lar,
E da mãe o abraço, o calor.

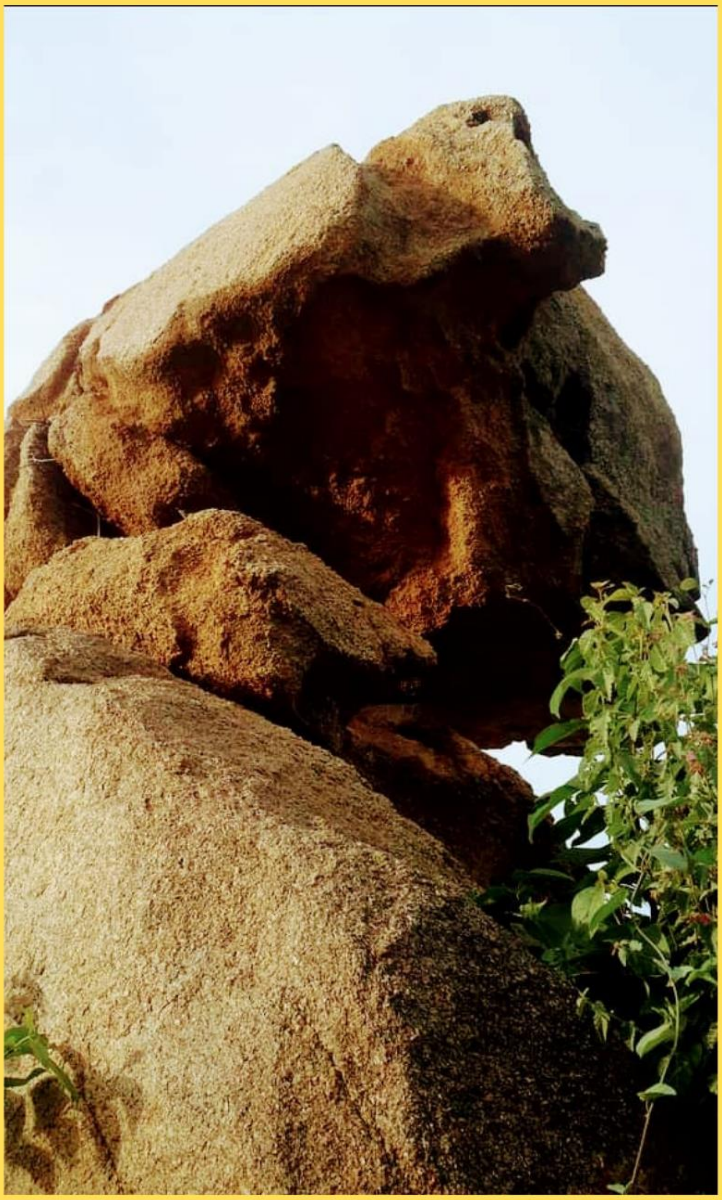
Logo então veio na mente.
Pobre pássaro perdido.
Parece um menino triste, excluído.
Com o coração carente.

Eu e minha vó,
Soltamos com muito dó.
Para assim ele voar,
Encontrar o seu lar.

Com a nossa empatia,
Senti nele a alegria.
Alegria de verdade,
De ter a famosa liberdade.

Maykon Ferreira é natural de Juazeiro do Norte – CE. Aluno de jornalismo.

ARTE VISUAL
AMAURI FLOR



Resistência
Foto: Amauri Flor

A GERAÇÃO MIMEÓGRAFO E OS AGITADORES MARGINAIS: ANA CRISTINA CESAR E A POESIA MARGINAL

Texto de *Elaine Meireles*

Nascida à margem das grandes mídias, das pequenas, medias e grandes editoras, a *Geração Mimeógrafo* nos contempla, com suas irreverentes posturas e destemidas ações, maravilhosas *poesias marginais* e *artes diversas*. Marcada por uma visão de mundo revolucionária, esta geração refletiu sobre a situação política e social do país, nos anos de pós golpe militar de 1964, garantindo a liberdade de expressão em suas mais variadas manifestações.

Este foi um fenômeno cultural que reuniu jovens, inicialmente marginalizados do sistema editorial, que possuíam características próprias, evidenciadas pela maneira livre de pensar, agir e viver. Suas poesias saídas do mimeografo geraram copias que eram distribuídas, muitas vezes gratuitamente ou vendidas, nas ruas, nos bares, nos ônibus, em universidades, em eventos culturais. A utilização do mimeografo lhes rendeu o nome de *Geração Mimeógrafo* e a produção literária, de *Poesia Marginal*.

Nos anos de 1960-1970 explodem as discotecas, as calças "boca de sino", os sapatos plataforma, as roupas coloridas, campeonatos de futebol, o lançamento de espaçonaves ao espaço, as guerras do Vietnã, Afeganistão, Guerra Fria. Com o avanço das novas tecnologias, a popularidade da TV e suas teledramaturgias, o advento dos videogames, videocassetes, walkmans, computadores pessoais, fica declarada a Época das Individualidades. Concomitante a essa realidade, a França mais uma vez grita ao mundo por liberdade, e em maio de 68 estudantes vão às ruas, exigindo transformações políticas, comportamentais, morais, artísticas, sociais. É quando entra na pauta da ONU, movimentos que buscam dos direitos dos negros, indígenas, feminista e a preocupação ambiental.

Foto: Ana Cristina Cesar

O Brasil, que vivia um período de ditatura militar, faz nascer um Movimento de Contracultura, de resistência. Artistas criticavam o conservadorismo da sociedade de então, proponham a liberdade de forma e a utilização da ironia em suas mais variadas manifestações artísticas. A *Geração Mimeógrafo* começa a tomar corpo e suas produções se caracterizam pelo sarcasmo, humor, ironia, implementação de novos elementos semânticos-linguísticos, temáticas contra a repressão e violência. Esta geração influenciou não somente artistas contemporâneos, mas ainda hoje encontramos traços e características dela em nossa Arte e Cultura. De maneira geral, este movimento teve impacto significativo na Literatura, Música, Cinema, Artes Plásticas. Entre os

principais os escritores destacamos, *Paulo Leminski* e suas poesias sarcásticas, carregadas de humor e ironia; *Chacal* (Ricardo Carvalho Duarte) que primava por uma linguagem coloquial e espontânea; *Cacaso* (Antônio Carlos Ferreira de Brito), um dos maiores representantes da poesia marginal; *Torquato Neto*, com temas sobre o cotidiano e suas poesias eróticas; *Waly Salomão* e suas poesias marcadas pelas experimentações linguísticas; *Ana Cristina Cesar* com sua originalidade e irreverência. Nas demais Artes, temos *Hélio Oiticica*, nas Artes Plásticas; *Tom Zé, Jards Macalé, Sérgio Sampaio, Itamar Assumpção, Luiz Melodia*, na Música.

Representante dessa geração, com morte prematura, *Ana Cristina Cesar*, também prematuramente aos 4 anos já ditava suas poesias para sua mãe escrever. Viajou a estudo e passeio pela Inglaterra, Grécia, França, Espanha, Holanda, Itália, Paraguai, Chile, Argentina, Uruguai e conheceu cidades do Nordeste. Foi professora, escritora, tradutora, consultora, pesquisadora. Entre as principais características da autora ressaltamos: liberdade de criação, fragmentação de ideias e palavras, intimismo, cotidiano, ironia, prosa em verso e verso em prosa, crítica social, conflito existencial, linguagem coloquial, antiacademicismo, voz feminina, elementos autobiográficos.

Concluímos nossa reflexão sobre os *Agitadores da Cultura*, com a transcrição de dois escritos coletados por Mariano Marovatto, poeta, compositor e pesquisador, no Instituo Moreira Salles. Estes são manuscritos/rascunhos de poesia e verso em prosa, inéditos, de *Ana Cristina Cesar,* encontrados sobre sua mesa de oficina de escrita depois de sua morte. São eles:

(1) *definição*
poeta é onda
onda é canto
canto é espera
espera é adeus
adeus é morte
morte é nódoa
nódoa é ostra
ostra é ensaio
ensaio é busca
busca é poeira
poeira é poeta
"inc" nov.68

(2) *quase*
uma tarde cremosa.
coração, bates; como quem está amoroso ou precisando escrutinar páginas virgens. há um outono lânguido tiquetaqueando por entre nuvens de lentidão; há um casal de andorinhas se buscando entre antenas e para-raios; há um homem binóculo de camisa azul, no alto de um terraço, violentando janela por janela; vozes surrealistas de crianças levantam voo por trás de um varal; um urubu solitário espirala, talvez à cata de carniça entre o crepúsculo. os sonhos que rabiscam velhos mares não são mais daquela finidade antiga; e ser nesta meia-hora, é descascar sem muita pressa, é interpretar nuances de magia. que mistério engravida esta cidade?
ana cristina
30.3.69
17:3

Elaine Meireles – especialista em Literatura Luso-Brasileira, professora pesquisadora, colaboradora da Revista Sarau, Professora Tutora da UFC. Responsável pelo *blogger Lampião Literário*.
Contato:ponchetart1@gmail.com

ANA CRISTINA CESAR - " PALAVRAS, NOSSA ASA E ARMA. ÀS VEZES, MORTÍFERAS"

Texto de Lucirene Façanha

Estratégias

"Para não parecer exagero a gente diz que é poesia"
(Ana C)

"Tão arrogantes: quem tem afinal o poder de salvar o outro de seus próprios abismos?"
(Caio Fernando Abreu – sobre seu desaparecimento)

ANA CRISTINA CESAR – ou simplesmente ANA C, viveu pouco e intensamente. Sua literatura operou, o que se pode dizer, uma oposição ao regime político de sua época. Possuía um caráter diferente dos demais escritores da geração entendida como mimeografo ou marginal.

Antes de escrever, já ditava para mãe e professores o que criava. Criou sua biografia aos 11 anos e um jornal aos 9. Tudo que criava era muito original e bem cuidado.

Apesar de ser catalogada como da *Geração Mimeografo ou Marginal*, sofreu uma influência muito direta do *Modernismo*, era intimista, confessional até original, tinha cuidado excessivo com o que criava, revisava muitas vezes. Quem conhece suas poesias, sente participar dos seus escritos.

Na PUC conhece Clara Alvim que a apresenta a Heloisa Buarque de Holanda, que se apaixona por suas criações, incluindo-a na *Antologia Vinte Seis Poetas Hoje*. Foi consultora, tradutora, poeta, ensaista, crítica literária e colaborou para revistas, jornais.

Suas principais obras:
Cenas de abril — poesia, Correspondência completa — poesia, Luvas de pelica — poesia, Literatura não é documento — ensaio, A teus pés — poesia, Inéditos e dispersos — poesia (publicado após sua morte). Crítica e tradução — ensaios e traduções.

No poema "primeira lição", do livro *Cenas de abril,* a autora disserta sobre os gêneros poéticos. (metalinguagem).

Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro.
O gênero lírico compreende o lirismo.
Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.
É a linguagem do coração, do amor.
O lirismo é assim denominado porque em outros tempos os versos sentimentais eram declamados ao som da *lira*.

O lirismo pode ser:
a) Elegíaco, quando trata de assuntos tristes, quase sempre a morte.
b) Bucólico, quando versa sobre assuntos campestres.
c) Erótico, quando versa sobre o amor.

O lirismo elegíaco compreende a elegia, a nênia, a endecha, o epitáfio e o epicédio.

Elegia é uma poesia que trata de assuntos tristes. Nênia é uma poesia em homenagem a uma pessoa morta. Era declamada junto à fogueira onde o cadáver era incinerado. Endecha é uma poesia que revela as dores do coração. Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares. Epicédio é uma poesia onde o poeta relata a vida de uma pessoa morta.

Deixou um legado de manuscritos, cartas, diários, que os amigos, apaixonados por sua poética, organizam até hoje. Foi homenageada na 14ª FLIP.

Lucirene Façanha é graduada em história com especialização em ensino. Participa de diversas coletâneas. Foi agraciada com os prêmios Ideal Clube, IFPB. Ebook na Amazon O Elo e Silêncio sobre o Algodão. Físicos: O homem na janela e hecatombe. Vice-Presidente da ACE (Assoc. Cearense de Escritores) participa dos grupos de leitura Conversa e CPLI. Articuladora do Mulherio das Letras.

ANA CRISTINA CÉSAR

Texto de Ana Paula Marques

Há 72 anos, nascia na Cidade do Rio de Janeiro (RJ), em 02 de junho de 1952, a poetisa, crítica literária, professora e tradutora de inglês, Ana Cristina Cesar, que aos sete anos de idade, publicou suas primeiras poesias, no Jornal Tribuna da Imprensa.

Antes de iniciar o curso superior em Letras, no final da década de 1960, estudou na *Richmond School for Girls*, em Londres, por meio de um programa de intercâmbio.

Na década de 1970, pertenceu à geração mimeógrafo, composta por jovens poetas que produziam seus próprios livros, sem o apoio de editoras. Ana Cristina foi um dos principais nomes da Poesia Marginal, que tinha como características as resistências cultural e política, marcadas mediante a distribuição de cópias mimeografadas nas ruas.

Em 1975, graduou-se em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Ao concluir a graduação, começou a escrever para o Jornal do Brasil e a Folha de São Paulo.

"Cenas de Abril" foi o título do seu primeiro livro de poesia e, em seguida, "*Correspondência Completa"*, ambos publicados em 1979. Nesse mesmo ano concluiu o mestrado em Comunicação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e dois anos depois, seu segundo mestrado em Teoria e Prática da Tradução Literária, pela Universidade de Essex, na Inglaterra.

Em 1982, a autora lançou seu livro mais famoso e o último em vida, "*A Teus Pés"*, que também foi o único publicado por editora, onde mostra o dia a dia do carioca. Essa obra poética, possui textos em verso (livre) e prosa, alguns sem título.

Ana Cristina cometeu suicídio em 29 de outubro de 1983, mas nos deixou algumas obras que foram publicadas após a sua morte, por seu amigo e poeta Armando Freitas Júnior: *"Inéditos e Dispersos"* (1985), *"Escritos da Inglaterra"* (1988) e *"Escritos no Rio"* (1993).

Ana Paula é graduada em Engenharia Elétrica e em Matemática. É professora da educação especial, poetisa e audiodescritora da Revista Sarau. É membro da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes (AABLA) e do grupo de poetisas *Mulheres Poesis*. É coautora dos livros Educação em Revista, a Felicidade Pós-Moderna e Poetas Nordestinos Vol. I. Conquistou o 1º lugar (2023) e o 4º lugar (2022) no concurso de Microconto da União Brasileira de Trovadores.

Ô DÓ DOS CRÍTICOS DE PLANTÃO!

Texto de José Walter Pires

Nesta segunda-feira, vinte e cinco de maio, feriado antecipado, por conta dessa pandemia, tenho ocupado o meu tempo, da manhã à noite, à frente do meu computador, escrevendo os meus textos poéticos, graças à inspiração que me inunda a mente, sem deixar que a medonha expectativa tome conta de mim, e me faça viver que nem peru, morrendo de véspera.

José Walter e Moraes Moreira - (Foto: Reprodução / Cordel de Saia)

Redobrei os contatos com muitos poetas, fiz pelejas criativas, escrevi glosas, fiz sonetos, cantei galopes à beira do mar, fiz martelos agalopados, e trilhei por outros momentos da Literatura de Cordel, e das cantorias nordestinas, além de outras criações comuns dessa realidade cultural.

Esse quefazer me envolve tão prazerosamente, que não sinto o fluir das horas a fio, na minha sala de "ócio criativo", a ponto de ouvir as lamúrias domésticas de que não faço outra coisa, a não ser batucar versos com os meus dedos.

Em "tendo coisa melhor do que isso, aí Camilo morre", para lembrar-me de uma velha piada das nossas circunstâncias, sempre que ocorria algo de incomparável sabor, para, então, merecer a referência ao mote da noite de lua de mel de um dos dois irmãos malacos.

Motivos esses à parte, lembrei-me de Moraes Moreira — como se pudesse esquecê-lo — e fui ao meu arquivo virtual, onde guardo as suas criações poéticas, e escolhi a que se segue, para tecer alguns comentários sobre a Literatura de Cordel, em especial da sua condição de cordelista, para glória da nossa Academia, e de tantos outros que mourejam nessa Arte, merecedores desse batismo.

Uma riqueza de arquivo, e como tive sorte de guardar tudo o que ele me mandava e produzia com espantosa criatividade!

Assim, não era mesmo de se acreditar que ele se sujeitasse, apenas às três regras tradicionais do modelo poético do cordel, como só bastasse isso para criá-lo, sem que pudesse dar azo à sua genialidade, expressando-se numa rima imperfeita, aqui ou acolá, em um pé-quebrado na métrica, sem se levar em conta o contexto da estrofe, à estética de cada verso, e, principalmente, a sua intenção de compor a sua oração sem nenhum defeito.

Se como exímio compositor, ele já brincava com as palavras, já fazia alegres trocadilhos, tudo com o fito da construção de uma letra (poema) musical, como não poderia fazê-lo em seus poemas de cordel dentro dessa dimensão?

Quando ele se propôs a passar de "cantor pra cantador", ingressando na ABLC, dizia-me que tinha criado um espaço, no qual figuraria como um verdadeiro poeta (e esse ser poeta, já engloba o cordelista), escrevendo livros de poesias e declamando em seus shows. Dito e feito.

Nessas oportunidades, aparecia com o perfil único do artista que era, para não se confundir com mais ninguém, e, dessa forma, concordar com o que dele meu pai me dizia, nas raras vezes que ele retornou ao nosso convívio, em Ituaçu, sob o seu orgulho:" — Zé, todo mundo vê que Morais é um artista. Olha o tipo dele. Chama logo atenção!" E era verdade. Em qualquer lugar por onde

passasse. Sempre igual. Sem disfarce. Reconhecido e admirado.

Hoje, trago mais uns dos seus belos poemas, intitulado “Escala em cordel”, recheado de metáforas, de rimas ricas, de uma estrofe diferente, porque rima deste o primeiro verso da sextilha, também está uma invenção, numa cantata musical, na qual define, poeticamente, cada uma das notas. Não importa, que ele tenha rimado, uma vez, cordel com céu, rima condenada pelos puristas, como se fosse um crime literário, ou um pezinho quebrado em um dos versos, que poucos veem, para encontrar defeitos num desses poemas. Vejam, pois é descubram!

ESCALA EM CORDEL (Moraes Moreira)

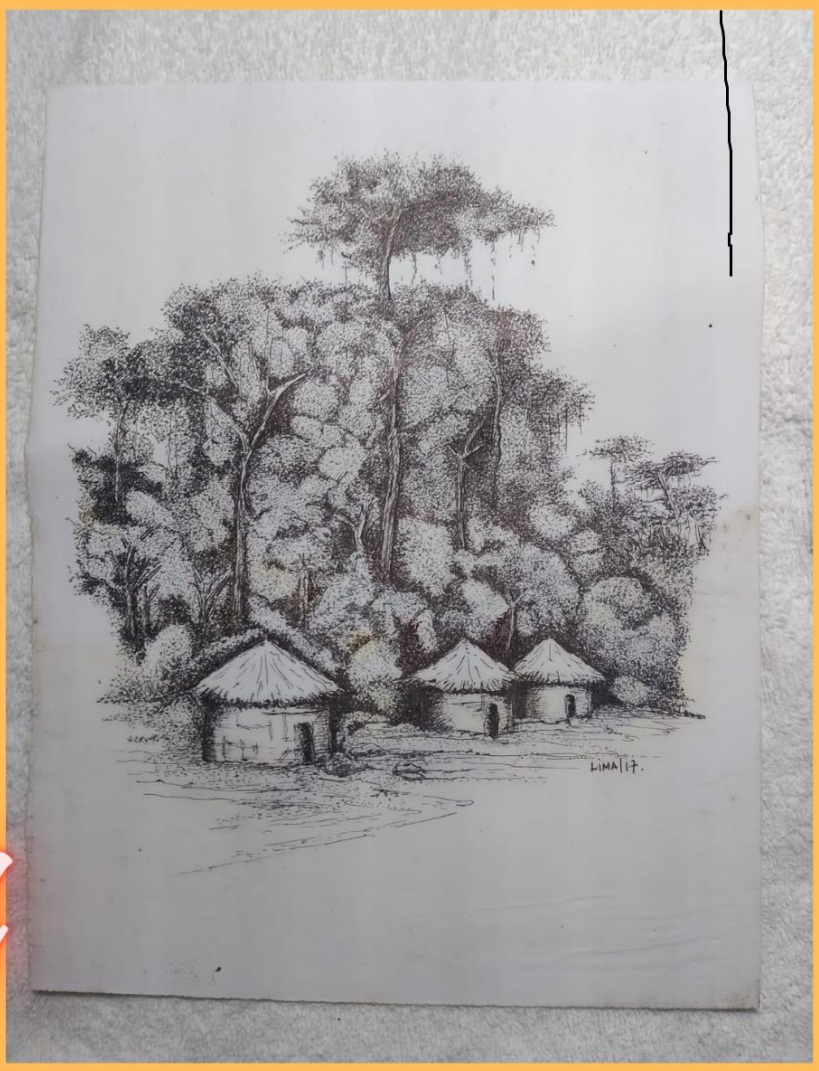
Não tenha mais DÓ de mim
Seu coração já tem dono
A linha chegou ao fim
Eis a estação do abandono
Eu só preciso aprender
Sozinho como é viver
E não perder mais o sono
.
Na marcha RÉ desse amor
O nosso trem não tem volta
Quem não semeia rancor
Também não colhe revolta
Bote no seu pensamento
Que vai chegar um momento
Em que a tristeza lhe solta.
.
Inclua MI fora dessa
Quem vê o tempo fluir
Naturalmente tem pressa
E passa a não repetir
O erro de um passado
De um passo que já foi dado
Só quer o que está por vir

Agora no tom de FÁ
Na escala deste cordel
Melhor que ele não há
É no caminho do céu
As vozes de um Coral
Já se acomodam geral
E ganham logo o troféu
.
O SOL me deixa a vontade
Nos trópicos da alegria
E eu quero ver novidade
E quero muita euforia
Pois tudo que a vida tem
De bom, nós temos também
Aqui nessa freguesia
.
Deixa pra LÁ minha vida
O importante é o prazer
Sei que você é movida
A outro jeito de ser
Deus sempre vai dar razão
A quem tem bom coração
E nem precisará dizer
.

Etérea quase a exalar SI
Eu vejo a tua imagem
Matéria que ao condensar-se
É a luz da nossa viagem
Adoro que tu concordes
Passar por estes acordes
Mesmo que seja miragem

José Walter Pires é membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupante da cadeira 21, patronímica do poeta Joaquim Batista de Sena. É sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros-MG, membro correspondente da Academia Antônio Bezerra de Letras e Artes, cadeira no 50, patronímica de Moraes Moreira, Membro da Academia Virtual Mageense de Ciências Letras e Artes, Rio de Janeiro.

ARTE Visual



Desenho feito sobre papel
empregando a técnica de pontilhismo 20x30.
Paisagem nativa de Ferreira Lima
Contato: (85)989111739

ABERTA 24 HORAS

Texto de Roberta Alexandre Lima

Este era um daqueles momentos em que a gente sente uma sensação estranha, como quando estamos dormindo e sentimos alguém nos olhando. É uma sensação de inquietação e que é, levemente, perturbadora. Como se estivéssemos num quarto escuro e soubéssemos, lá no fundo, que não estamos sozinhos. Era exatamente isso que eu estava sentindo, enquanto voltava à noite do trabalho na firma — o que era muito aborrecido, pois eu já estava extrapolando meu limite de horas semanais e, mesmo assim, meu chefe exigia que eu terminasse o relatório. E a viela, pela qual eu tomava atalho para casa todos os dias, não ajudava muito a minha tentativa de me acalmar. Já deviam ser umas 11 horas e nem todos os postes estavam iluminando corretamente aquele trecho, muitas lâmpadas estavam queimadas e algumas piscavam freneticamente, o que seria engraçado se não me deixasse assustado às vezes.

Talvez fosse pelo horário, que é conveniente a assaltos, ou ainda pelo fato de que algumas pessoas pensam que são melhores por terem uma cor de pele diferente — aquela não seria a primeira vez que diriam algumas coisas inconvenientes para mim, enquanto eu voltava do trabalho. Ou, quem sabe, tudo estivesse interligado e fosse um medo só. Acho que não importava muito. Enquanto eu virava uma esquina arrisquei-me e olhei por cima do ombro, para eliminar suspeitas. Foi quando o vi. Um sujeito com um chapéu e um sobretudo, andando com passo apressado atrás de mim. A luz da lua crescente não era suficiente para que eu pudesse ter visto seu rosto, mas se tivesse visto acredito que ficaria mais assustado. Ele parecia, de um jeito estranho, com uma sombra viva, com os contornos indefinidos e olhos sombrios e vazios. Apertei o passo e tentei me concentrar em qualquer outra coisa que desviasse meus pensamentos frenéticos daquele homem. Não posso dizer que as tentativas foram muito produtivas. A cada passo que eu dava sentia seu olhar perfurando minhas costas e seus passos ecoando em meus ouvidos, comecei a cogitar se não o conhecia de algum lugar, se não o cumprimentava a caminho do trabalho em meio à bocejos, se não era um dos vendedores na feira que frequentava aos domingos, ou qualquer um que curtisse Cazuza em um clube aleatório da Internet. Era uma tentativa falha de me enganar. Foi em meio a esses pensamentos que percebi que meu estranho companheiro chegara próximo demais a mim, a ponto de que eu sentia que a qualquer momento poderia tocar meu braço e dizer algo como: "Não se preocupe, sua morte não será dolorosa". Mas de repente ele parou, em frente a uma farmácia na esquina, aberta 24 horas. Não pude conter minha curiosidade. Fingi continuar meu caminho e me escondi na rua atrás da farmácia, agora eu abençoava o escuro. Ele não poderia me ver mais eu o ouviria.

— Sinto muito, Antônio, eu não posso entregar o remédio a menos que você tenha a receita. Já lhe falei isso antes.

— Eu sei, Marcos, mas... — o homem que me perseguia soltou um soluço angustiado — Eu não tenho condições de pagar uma consulta com o médico da cidade, e você sabe o quão têm sido difícil pra eu conseguir um emprego.

Minha filha está muito doente e precisa desse remédio. Por favor, Marcos, eu imploro.
— Sim, eu sei. E já pesquisei em tudo que é canto um modo de te dar o remédio sem precisar da receita, mas, infelizmente, não dá! Eu, de verdade, sinto muito. Melhoras pra sua filha. — O funcionário fechou a porta na cara do homem.

Um jeito muito significativo de se encerrar uma conversa séria. Ouvi meu estranho (ou Antônio agora) se afastar lentamente da porta da farmácia, não mais com os passos ligeiros de antes, mas agora com passos vagarosos, tristes. Abandonei meu posto de espião e continuei meu caminho até minha casa, com milhares de pensamentos distintos e gritantes em meu cérebro, e em meu coração uma mistura de sentimentos indecifráveis. Não sei ao certo o que senti depois de tudo aquilo, nem o que era certo sentir, mas lembro de ter chegado em casa tomado um bom banho e mandado mensagem para o meu chefe. O relatório ainda não havia sido finalizado, mas o que eu iria mesmo fazer era perguntar sobre as vagas de segurança do prédio, já que eu tinha ouvido falar que iriam fazer entrevistas e, bem, eu conhecia o farmacêutico. E ele provavelmente conhecia o homem que andava atrás de mim.

Roberta Alexandre Lima é aluna do curso de Letras – Língua Portuguesa na Universidade Regional do Cariri (URCA).

DO OUTRO MUNDO

Texto de Fernando Gurgel Filho

Histórias de outro mundo somente podem ser contadas por pessoas deste mundo.

Por pessoas que nunca estiveram fora deste mundo, que gostariam muito de nunca estar lá, que têm pavor apenas em pensar que um dia estarão lá, mas tentam convencer os outros como é bom, acolhedor e confortável quando chegarem lá.

E que não oferecem nenhuma prova disso, apenas convicção. Deles, claro.

Tem jeito de, algum dia, sermos levados a sério como País???

Só se for no outro mundo!!!

Exemplo: o telefone toca insistentemente. Mesmo sabendo que é vendedor(a) de alguma empresa que não se preza e nem ao consumidor, a senhora atende:

- Alô!

- Alô, boa tarde, gostaria de *estar falando* com o Senhor X...

- É sobre o quê, minha filha?

- A semana passada conversei com ele e fiquei de *estar apresentando* uma nova proposta do contrato de nossa tv a cabo. É um combo...

A senhora interrompeu, fingindo-se assustada:

- Falou com ele a semana passada? Como você conseguiu, minha santa!

- Liguei para este número e ele atendeu...

- Você deve ser uma pessoa muito especial...

- Mas ele atendeu, foi muito educado, pediu para *estar apresentando* o nosso produto, etc.

- Pois é, filha, eu moro aqui e nunca mais consegui falar com ele. Gostaria tanto de ouvir a voz dele!!!

- Desculpe, minha senhora, ele não mora mais aí?

- Mora não, minha santa, desde que morreu, há uns seis anos...

Plaft, telefone abruptamente desligado na *fuça* da cliente.

Fernando Gurgel Filho - Economista e servidor público federal aposentado. Tenho um livro de contos, intitulado Plano Piloto, publicado e retirado de circulação. Poeta, cronista e contista por opção, prazer e lazer. Autor de diversas poesias e contos premiados, finalista em vários concursos e participante de diversas coletâneas. Instrutor de Alfabetização de Adultos, Método Paulo Freire. Ex-Diretor de Educação e Cultura da Casa do Ceará em Brasília, de 2012 a 2014.

PÉ DE MUNDO

Textos de Valeria Acioly

I. *Máscara*

Não vou mais fazer planos de amores
Amores perdidos
Amores incorrespondidos
Enfeitados de ilusão

O meu mundo era pequeno
Não via em seus olhos o veneno
Minha alma não tinha conhecimento
Da sua verdadeira intenção

Eu só via seus sorrisos
E sorrisos usam máscaras
Que só mostram o paraíso
E nos levam à perdição

II. *Cuscuz*

Senti uma vontade doida de cuidar de mim
A gente não desiste da gente
A gente desiste mesmo é de coisa ruim
Vou me velar com muito cuidado
Ter amigos que saibam descobrir o meu significado
Antes de querer a minha utilidade

Vou sim antes de mais nada
Me valorizar, reacender a minha luz
Gritar se quiser ou ficar calada
Comer caviar ou um belo prato de cuscuz!

III. Saudade do meu Sertão

Quando quero que o cheiro do sertão
Invada minha vida e minha casa
Planto coentro, do lado de fora, no lerão
Ou trago a uma tora de Pau em brasa
Ou então busco uma flor de manjericão.
Quando meu peito chora, minh'alma cria asa
Voa em busca das poucas lembranças
Do meu povo e do meu chão

IV. Sentados à beira da estrada

Quanta dor lhe transborda do peito
A oração balbuciada, arranca os milagres do céu
Para na procissão desfilar a fé ao seu jeito
Vem o sertanejo num pau de arara pra cumprir o seu papel

A vida dura lhe exige sangue e suor
Na lida do campo colhendo e plantando
Vai meu povo sofrido lutando e cantando
Sua única esperança para obter uma vida melhor

Valeria Acioly: alagoana, escritora, fotógrafa, circula, com o esposo, o Brasil em um trailer “Pé de Mundo”, nome também de seu canal no YouTube.

QUERO SER EU MESMO

Texto de Murilo Almeida Oliveira

Nessa metade de dezembro
Eu sinto que diante de tudo que passei nesse ano
Eu não consigo relaxar
Simplesmente não consigo ficar em paz consigo mesmo

Eu não consigo ficar calmo
Relaxar de um jeito melancólico
Como fiz durante todos os outros anos
Dessa vez, eu não consigo

Eu não consigo porque eu sei que não estou satisfeito
Porque chega numa hora da juventude
Que temos várias obrigações e deveres a fazer
E mesmo que 90% estejam feitos, não conseguimos ficar mais calmos
Porque sempre queremos fazer mais e mais

Então, eu não consigo
Digo isso várias vezes
Porque quero que você saiba
Que eu realmente não estou mais conseguindo

Isso pode ser doentio
Sempre trabalhar ou estudar
Isso pode ser
Mas o que não é doentio é fazer o que tem que ser feito

Então, que fique claro
Eu não consigo
Porque quero ser grande
Quero ser forte
Quero ser alguém que fará algo inesquecível
Quero ser o Murilo Almeida Oliveira

Quero ser eu mesmo

Murilo Almeida Oliveira é poeta, estudante de Engenharia. É autor do livro “Pensamentos profundos”.

FALA SOBRE AMOR... AMORES E OUTRAS DROGAS

Texto de Priscila Cavalcante

"QUE NEM POESIA"

lhe quero ver-te
como amar sem julgar
um amor puro encanta alma
curar vidas
e na hora das idas
o amor vai te fazer ficar

lhe quero ver-te
como um amor
que durou a vida toda
e o que é a vida?
o que é o todo?
Ah, são momentos
são estradas
hoje a gente tem
e amanhã, nada…

lhe quero ver-te
porque es tão significante
que nem poesia
te guarda
e te decifra

tô falando de amor…

"TEU GRITO"

O erotismo do teu grito
infinito
detalha
ecoa
transpassa
e teu olhar confirma
minha pequena morte
dentro de ti

VÍCIO NO CASULO

Tenho me viciado
tragado teu corpo
que não me pertence mais
uma hora vou embora
outra hora te tenho
dentro
memórias

Tenho me viciado
só porque gosto de te beber
porque tu és água
que mata minha sede
molha minha rede
e me ajuda a viver

Tenho me viciado
porque sou poeta
outrora bailarina
nessa dança perdida
contida em rimas
e que atravessam
o meu pensar

Lembrar… amar…
A gente se vicia
porque gosta de ficar
sem perceber
que a vida vai embora
e que tudo termina
vicia... vicia…

Priscila Cavalcante é atriz e diretora teatral na Cia Dhimahi de Teatro, onde dirigiu e atuou no espetáculo A Casa de Bernarda Alba, do autor García Lorca. Natural de Fortaleza, Ceará. Dramaturga, poeta e brincante da cultura popular. Participou dos livros "A Divina Comédia Humana, Elas e a Cidade e A Maçã Podre. Atualmente, faz trabalhos culturais em seu grupo e na Fundação Silvestre Gomes com o grupo GESTO.

PERCEPÇÃO

Texto de Messias Rodrigues

Eu olho para folha e nada vejo.
Limpa,
Branca,
E rasa como a mente.
Eu olho a vidraça e me espanto.
Suja,
Pálida,
E estática, está doente.

Eu vejo o cursor que está piscando.
Tímido,
Lento,
E frio, calmamente.
Eu vejo minha imagem no espelho.
Tísico,
Fraco,
E magro, estou demente.

Não vejo nada!
Não sinto nada!
Não vejo nada e o que eu vejo é invertido sem sentido.
Não falo nada!
Não ouço nada!
Não falo nada e o que falo sai gritando no ouvido.

Um cão está latindo me chamando.
Forte,
Alto,
E rápido, impaciente.
Fantasmas ressurgindo do passado.
Mórbidos,
Frios,
E feios com correntes.

Eu fujo e não consigo ir em frente.
Inerte,
Preso,
E só, amargamente.
Um anjo com espada me defende.
Súbito,
Prático,
E ágil, velozmente.

Não vejo nada!
Não sinto nada!
Não vejo nada e o que eu vejo é invertido sem sentido.
Não falo nada!
Não ouço nada!
Não falo nada e o que eu falo sai gritando no ouvido.

Messias Rodrigues é Mestrando em Filosofia Política e Ética na Universidade Federal do Ceará. O autor tem quatro livros publicados, sendo os “Reflexos de um olhar” e “Olhares de um reflexo”, duas coletâneas de contos, crônicas, poesias e músicas, “As armas do capitalismo”, um livro que conta a história do capital, como ele surge, multiplica-se, transforma-se para permanecer como sistema dominante e “O despertar de um dia”, um romance existencialista, cuja temática é a morte.

VOZES ESTRANHAS

Texto de Joaquim Pontes Brito

Eu estava deitado na cama, cochilando. Era madrugada, acho que perto de 4 horas da manhã. De repente, uma voz calma acordou-me:

- Levante-se e vá até a cozinha e pegue o copo de alumínio, encha de água e beba.

Sem ao menos vacilar fui a cozinha, apanhei o copo de alumínio em que costumava beber água, enchi-o de água gelada e bebi todo o conteúdo. Guardei o copo no lugar e voltei ao quarto. Tornei a dormir. Acordei pela manhã e não me lembrei mais do fato.

Fui trabalhar normalmente sem nada recordar do que tinha ocorrido na madrugada.

A noite me deitei e adormeci. Fui acordado pela mesma voz do dia anterior:

- Faça como ontem: beba água e depois traga o copo cheio para perto da cama.

Repeti todo o ritual do dia anterior, só que ao invés de deixar o copo na cozinha trouxe-o cheio e coloquei perto da cama. Adormeci ... Pela manhã acordei mais cedo que minha mulher e ao levantar vi o copo cheio de água no criado mudo.

Assustei-me e lembrei do sonho/pesadelo/verdade. Lembrei e refleti sobre todos os detalhes do que ocorrera ontem:

- Por que tinha obedecido ordem de uma voz que surgiu do nada, como explicar a minha obediência?

Pela manhã tomei café e saí pensativo para o Banco. Enquanto eu ia caminhando cada vez mais isso mexia com minha cabeça. Interrogações aos borbotões...

Durante todo o expediente a mesma interrogação. Fui almoçar e nada de conseguir tirar as vozes da cabeça. Que diabo era aquilo? - fiquei a me perguntar.

Voltei ao expediente e fui acalmando-me:

- Tem de haver uma explicação, é claro, disse a mim mesmo.

Depois do expediente, fui para casa e deitei-me. Quase imediatamente as vozes reapareceram.

Eram três vozes. Duas masculinas e uma feminina. Nenhuma voz conhecida.

- Afinal o que é que vocês querem comigo? – perguntei em voz audível só para mim.

Riram e um deles disse:

- Na hora certa você vai saber.

E a voz feminina completou:

- Por hora vai fazendo o que a gente pedir que no final vai dar tudo certo pra você.

- Mas afinal por eu? - Perguntei.

- Você não se lembra, né? Mas você tem contas a acertar conosco, com os três. E riu.

Que diabo de conta é essa? - Tornei a me interrogar.

- Depois você vai se lembrar meu bem, disse a moça com um riso de deboche.

Um belo dia, que de belo não teve nada, quando eu me deitei as vozes vieram para me dizer que tinham um trabalho pra mim.

- Trabalho? Que trabalho?

- Você vai matar o seu amigo subgerente, “o” seu” Aloisio.

- Em nenhuma hipótese, falei imediatamente.

- Calma, você vai fazer tudo que nós mandarmos. Temos tudo planejado. Tenha paciência, ouça o que você tem pra fazer...

- Eu não vou fazer nada, principalmente com o “seu” Aloisio. Está fora de cogitação.

- Por isso mesmo, queremos você lascado, detestado por todos no Banco e na cidade. Só assim nós vamos nos vingar do que você fez conosco - disse a voz feminina.
- Mas que diabo eu fiz com vocês, porra - falei com muita raiva. Eu não vou fazer nada contra o seu Aloisio. Ele é meu amigo, é como um pai pra mim - falei já apavorado.
- Por isso mesmo que você vai fazer. E mais, presta bem atenção: você vai pegar a chave do armário das armas, as balas estão também lá, você viu que eu sei. Vai pegar a arma e carregá-la, e vai para o banheiro. Quando o velho Aloisio chegar não deve ter nenhum funcionário ainda dentro da agência. Assim que ele chegar, você do banheiro vai ouvir os passos dele. Vá lá e mate-o.
- Não vou fazer nada disso, falei bem alto pela primeira vez, como se as vozes estivessem no quarto.
- Cala tua boca agora ou você vai ver o que vamos fazer com você - eram a três vozes me gritando ao mesmo tempo.
- Tá bom - disse já só em pensamento. Eu não posso fazer isso não. Peçam outra coisa.
Passado um tempo que não sei precisar, tamanha era a minha aflição, disseram:
- Vamos mudar o seu castigo. Vá na cozinha e traga a faca que é utilizada para cortar carne, ela é grande e bem amolada, muito afiada. Traga e coloque debaixo da cama.

Fui buscar a faca e coloquei embaixo da cama. Mal a voz acabara de terminar a frase minha mulher se virou para o meu lado e disse: o que essa faca tá fazendo debaixo da cama?

As vozes numa gritaria sem fim diziam:
- Não fale, não fale, invente uma desculpa, não fale nada ou você é quem vai se lascar.

Tomado de surpresa com aquilo tudo, eu disparei:
- Sente aqui na cama que eu vou contar tudo que está acontecendo.

Enquanto a minha mulher, entre surpresa e aflita, foi sentando-se, as vozes não paravam de falar palavrões comigo e a fazer ameaças a mim.
- Faz um bom tempo que venho ouvindo e obedecendo ordens de três vozes, uma feminina e duas masculinas, que mandam eu fazer coisas e eu obedeço, pois eles me ameaçam,

À medida que eu ia falando as vozes iam ficando mais distantes e mais violentas as ameaças.

E contei toda história.

Ela me ouviu calmamente e, é claro que a narrativa foi emocionante e tensa, tendo eu chorado bem como ela, que não me interrompeu nenhuma vez.
- Nós precisamos é rezar, vamos rezar - finalmente a minha mulher falou.
- Vamos. Respondi.

E, de mãos dadas rezamos, não sei precisar quanto tempo, só sei que ao final das orações não mais ouvi nenhuma voz.

Continuamos a rezar por muitos dias e nunca mais ouvi as tais vozes. Sumiram de vez.

Joaquim Pontes Brito - Pedagogo, administrador e pesquisador. Foi professor, bancário, administrador, produtor cultural, poeta, cantor, compositor, pesquisador, escritor e editor. Autor dos livros: “Caminhos Pagãos” - Poemas; “A Guerrilha do Araguaia roubou 22 dias da minha vida” – Memória; “O desalmado Conduru e outras histórias” – Contos; “A saga do Comendador Garcia e outras histórias” – Contos. Livros a serem lançados neste semestre: “Crônicas da Itapipoca Bicentenária” – Crônicas - e “Quixeramobim e a Confederação do Equador” – História dos 200 anos da Confederação do Equador, pela Editora Estradar. 88. 99742.9730– joaquimbrito52@hotmail.com editoraestradar@hotmail.com - residente em Quixeramobim-CE.

POEMAS

Texto de Sophia jamali soufi

CLIP

estoy sentado en la noche
Entre los vientos y el silencio
Arboles y gritos
Sombras y lluvias
soy una mariposa llena de vuelo
Vuelo
con alas arrugadas
Con recuerdos húmedos y vacíos
Pero
Sé
Incluso en las profundidades y la oscuridad
y huracanes
tengo que mantener la esperanza
esperanzado ...

GRITAR

viejas heridas
Dolores de cabeza constantes
Célula por célula mi cuerpo grita de dolor
Ventanas ciegas
Las sombras se han ido
Los alientos se han ido
los recuerdos se han ido
nada vuelve
Tejo historias para secretos en silencio
Sé
Encontraré mi sonrisa perdida algún día.
Ventanas ciegas
Célula por célula mi cuerpo grita de dolor...

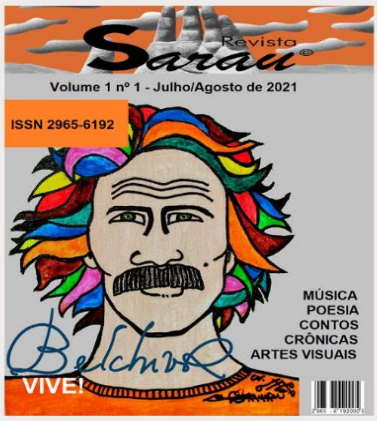
ESPERANZA

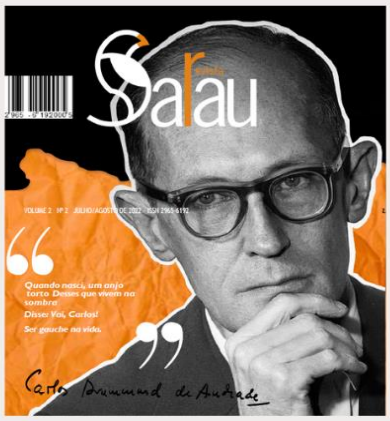
Estás parado cerca del sol
Tu cabello está en manos del viento
Los días se iluminan de ti
Oh esperanza orgullosa
decir
¿En qué lugar del cielo brillas?
que las palomas baten sus alas
Y los cipreses florecen con el canto de la libertad...

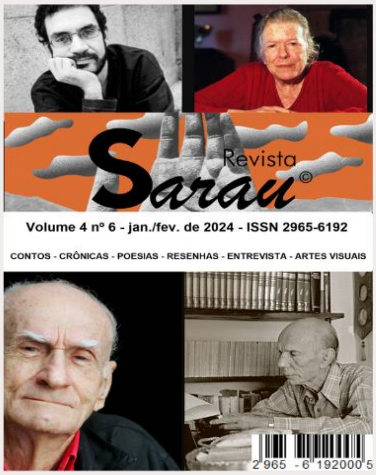
FLORACIÓN

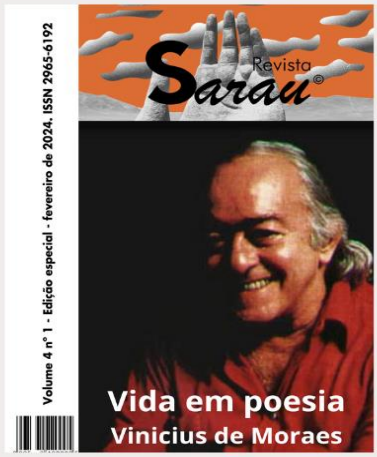
tus labios
Es una uva que recojo todos los días.
Rosas azules cobran vida en tus mejillas con cada beso
dime
¿Cómo puedo escribir sobre tu belleza?
en volumen de viento
que los cipreses se perturban con la fragancia de tu cabello
Y las estaciones están recitando tu nombre...

Sophia Jamali Soufi, uma escritora iraniana nascida em Rasht, tem 21 anos e começou a escrever aos 9 anos.









Edições anteriores

Acesse:

https://revistasarau2.wixsite.com/website

REVISTA SARAU

revista Sarau

LANÇAMENTOS

Adquira seu exemplar

(85) 988794891